



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

CLÉCIA DE VASCONCELOS ARANTES

**O CELULAR COMO DISPOSITIVO ELETRÔNICO PARA PRODUÇÃO DE
TEXTOS MULTIMIDIÁTICOS: de objeto proibido à condição de recurso pedagógico
em sala de aula**

MAMANGUAPE/PB
2015

CLÉCIA DE VASCONCELOS ARANTES

**O CELULAR COMO DISPOSITIVO ELETRÔNICO PARA PRODUÇÃO DE
TEXTOS MULTIMIDIÁTICOS:** de objeto proibido à condição de recurso pedagógico em
sala de aula

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação – PROFLETRAS – da
Universidade Federal da Paraíba em
cumprimento às exigências para obtenção do
título de Mestre em Letras, sob a orientação do
Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel

A662c Arantes, Clécia de Vasconcelos.

O celular como dispositivo eletrônico para produção de textos multimidiáticos: de objeto proibido à condição de recurso pedagógico em sala de aula / Clécia de Vasconcelos Arantes.- João Pessoa, 2015.

95f. : il.

Orientador: João Wandemberg Gonçalves Maciel

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA

1. Leitura - formação. 2. Tecnologia móvel. 3. Nativos digitais. 4. Multiletramentos.

UFPB/BC

CDU: 028.01(043)

CLÉCIA DE VASCONCELOS ARANTES

**O CELULAR COMO DISPOSITIVO ELETRÔNICO PARA PRODUÇÃO DE
TEXTOS MULTIMIDIÁTICOS:** de objeto proibido à condição de recurso pedagógico em
sala de aula

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação – PROFLETRAS – da
Universidade Federal da Paraíba em
cumprimento às exigências para obtenção
do título de Mestre em Letras, sob a
orientação do Prof. Dr. João Wandemberg
Gonçalves Maciel

Aprovado em: 31 /08 /2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel – UFPB/PROFLETRAS
Orientador

Prof^a Dr^a Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti - UFPB/PROFLETRAS
Examinadora

Prof. Dr. Alisson Vasconcelos de Brito – UFPB/MPLE
Examinador

Dedico este trabalho a minha avó (*in memoriam*),
Maria Irene de Vasconcelos Silva que durante minha
infância assumiu o papel de mãe, educadora e
ensinou-me que educação é o bem mais importante
que se pode deixar por herança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu amantíssimo **Deus** pelo seu cuidado e amparo sem os quais não seria possível ter enfrentado tantas lutas e desafios. Não fora nada fácil enfrentar uma maratona de atividades paralelas ao mestrado. Tenho certeza de que há um toque do amor de Deus nesse processo de conquista.

A minha **filha Ana Karolina Vasconcelos Silva** por preencher meus dias de alegria e por ser a motivação maior desta caminhada. Em muitos momentos foi o seu olhar que me deu forças para prosseguir.

Ao meu marido **Josinaldo Evaristo Silva** pelo apoio, compreensão durante minhas ausências nos momentos de lazer e de curtição da família, pela torcida desde a seleção, a qualificação e a defesa, sempre me dizia: “vai dar certo.” E deu.

A minha família toda por ter sido torcedores incondicionais do meu sucesso. O seu amor é mais valioso que tudo e não saberia viver sem cada um deles: mãe, irmãos, primos, sobrinhos, tios e tantas pessoas que estiveram me apoiando de forma indireta.

A minha querida **Ana Paula Bastos** por me brindar com um amor incondicional chamado amizade e por tornar meus dias no mestrado mais leves. Nos momentos de maiores angústias tinha a certeza de que poderia contar com seu ombro amigo, porque nossa amizade tem propriedades terapêuticas.

Adélia Luciana Rangel por ter me ensinado que conhecimento não é sinônimo de arrogância e que é possível ser genial sem perder o encanto.

Alana Cavalcante por sua amizade e por compartilhar comigo esta caminhada árdua.

Elissandra Brito por ter sido essa presença amena, discreta, sutil como a brisa e ao mesmo tempo ensinar que uma mulher é sempre forte, mesmo quando está fragilizada e que é possível e necessário recomeçar.

A **Raynero Aquino** por ter me proporcionado um encontro comigo mesma e me possibilitar enxergar a vida sob a ótica do equilíbrio e da força interior. Nossos encontros semanais fizeram emergir do meu íntimo a águia que sobrevoa os espaços de forma corajosa para contemplar a vida sempre do alto.

Ao meu **orientador João Wandemberg Gonçalves Maciel** por ter me propiciado a oportunidade de pesquisar com liberdade, dando orientações, mas acima de tudo, respeitando a minha autonomia intelectual.

Aos meus **amados alunos** pela oportunidade de ensiná-los sobre a vida e ao mesmo tempo de aprender tanto a partir de suas vivências.

A minha querida turma do PROFLETRAS pela cumplicidade, companheirismo pela solidariedade e pelos ricos momentos de aprendizagem. Indubitavelmente, o nosso encontro foi providência do amor de Deus em nossas vidas. Quantas histórias inspiradoras.

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de uma atividade escolar que teve como objetivo propiciar a formação para a leitura e, sobretudo, para a produção de textos multimissemióticos, usando o celular como dispositivo didático, tendo em vista que esse dispositivo, embora proibido, estava sendo usado em sala de aula de forma indevida especialmente para o acesso às redes sociais, gerando tensões e indisciplina. O público-alvo deste trabalho foi uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de João Pessoa. O processo de investigação realizou-se em duas etapas. A primeira, de natureza etnográfica, possibilitou-nos compreender as razões pelos quais os alunos fazem uso do celular em sala de aula, bem como, o que pensam da proibição e que textos são mais usados em suas interações, através das redes sociais. A segunda, uma pesquisa-ação, se realizou mediante a aplicação de um projeto de multiletramentos, acolhendo e problematizando os saberes linguísticos e usando as experiências dos alunos no manuseio dos aplicativos do celular, como ponto de partida para o desenvolvimento de habilidades de leitura/escrita de textos multimidiáticos. Para tanto, valemo-nos das contribuições de Lévy (1999), Santaella (2004, 2007, 2009), Diretrizes para a aprendizagem móvel da UNESCO (2014), ROJO (2009, 2012, 2013), dentre outros. Os resultados apontam que é primordial o acolhimento da diversidade de práticas sociais de leitura e de escrita, bem como, dos bens culturais produzidos pela sociedade contemporânea, entre eles o celular como dispositivo híbrido, multifuncional, e ao mesmo tempo, como canal de interconexão global por onde circula uma infinidade de linguagens e culturas, visto que é papel da escola desenvolver no público que a ela ocorre, habilidades de leitura e de escrita, que o tornem apto a assumir uma postura ética e democrática na sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia móvel. Multiletramentos. Nativos digitais.

A B S T R A C T

This paper presents the results of a school activity that aimed to provide training on reading especially to the production of multisemiotics texts, using cell phones as a teaching device, considering that this instrument, though banned at school, had been used improperly in classroom especially for social networks access, rising up stress and indiscipline. The target group of this study has been a class of 8th grade on an elementary public school in João Pessoa. The investigation process was performed in two steps. The first one, ethnographic featured, enabled us to understand the reasons for which students take cell phone use in classroom, what they think about the ban and which texts are usually used in their interactions on social networks. The second one, an action research, was conducted through the effort of a multiliteracy project, admitting and discussing the linguistic knowledge, based on students' skills with mobile applications as a start point to improve reading / writing multimediatic texts. Therefore we have made use of the contributions of Lévy (1999), Santaella (2004, 2007, 2009), Guidelines for Mobile Learning UNESCO (2014), ROJO (2009, 2012, 2013), and others. Results indicate that it is essential to shelter social practices diversity on reading and writing, as well as to cultural property produced by contemporary society, which includes mobiles as hybrid, multifunctional and at the same time global connection channel device, through which occur so many languages and cultures. School's role is to develop with students reading and writing skills that will let them be able to assume an ethical and democratic position in contemporary society.

KEYWORDS: Mobile technology. Multiliteracy. Digital natives.

LISTAS DE FIGURAS

FIGURA 01 – Homepage do site usado para pesquisa sobre netiqueta	46
FIGURA 02 – Página Virtual que trata do conceito de netiqueta	47
FIGURA 03 – Parte de vídeo com imagem desfocada.....	53
FIGURA 04 – Tamanho inadequado da fonte para o aplicativo.....	54
FIGURA 05 – Alunos dando dicas de produção e edição de vídeo.....	56
FIGURA 06 – Professora observando o processo.....	57
FIGURA 07 – Texto melhorado após análise e oficina em sala de aula.....	57
FIGURA 08 – Cartaz virtual.....	59
FIGURA 09 – Cartaz de papel.....	60
FIGURA 10 – Alunos produzindo cartaz virtual de forma colaborativa.....	61
FIGURA 11 – Amostra de Cartaz Virtual.....	61
FIGURA 12 – Aluna grafitando a faixa.....	62
FIGURA 13 – Aluna grafitando o muro.....	63
FIGURA 14 – Equipe preparando-se para a palestra.....	64
FIGURA 15 – Perfil de aluno com slogan da campanha.....	65
FIGURA 16 – Funcionários da escola colocando a faixa.....	65
FIGURA 17 – Aluna controlando a exibição do vídeo e outra registrando o momento com o celular.....	66
FIGURA 18 – Aluna palestrando (5º ano A – manhã).....	67
FIGURA 19 – Alunos da EJA atentos à palestra.....	69
FIGURA 20 – <i>Homepage</i> da página Internet Responsável.....	70
FIGURA 21 – Amostra de texto com <i>emoticons</i>	76
FIGURA 22 – Saudação Multimodal.....	77
FIGURA 23 – Diretora parabenizando o trabalho dos alunos e da professora	84

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
PARTE I : UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE	17
1.1 A rede mundial de computadores: o canal de interconexão global	17
1.2 O celular como dispositivo imprescindível ao homem contemporâneo.....	19
1.3 Por que (não) utilizar o celular na sala de aula?	21
1.4 Geração x e geração y e z: diferentes formas e ferramentas de aprendizagem	23
1.5 e agora, professor, como exercer a docência na sociedade contemporânea?	25
PARTE II: TEXTO, LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA	27
2.1 O hipertexto e sua nova configuração tecnológica diante da linguagem digital	27
2.2 A transmutação ou o surgimento de novos gêneros nas mídias digitais	30
2.3 A leitura enquanto processo de construção de sentidos: do impresso ao pluri-semiótico .	31
2.4 Educação linguística: a importância dos multiletramentos na escola.....	34
3 METODOLOGIA.....	37
3.1 Escolha teórico-metodológica	37
3.2 Coleta de dados.....	41
3.3 Sujeitos e campo da pesquisa	42
3.3.1 Perfil dos alunos	42
3.3.2 Perfil da professora pesquisadora	42
3.3.3 Descortinando o campo de pesquisa.....	44
3.3.4 Proposta de intervenção: projeto de letramento	45
4 RESULTADOS DA PESQUISA E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	73
4.1 Primeira etapa da pesquisa – o estudo etnográfico.....	73
4.2 Segunda parte – a pesquisa-ação	80
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	91

APÊNDICES	94
Apêndice 1	94
Apêndice 2	95
Apêndice 3	96

1 INTRODUÇÃO

É sabido que a rede mundial de computadores e a chegada das tecnologias da informação e comunicação móveis provocaram profundas modificações na sociedade, em especial no processo de aprendizagem. A escola não detém o controle da produção e da difusão do saber, já que tais artefatos possibilitam que o indivíduo possa acessar, produzir e disseminar o conhecimento em qualquer hora e em qualquer lugar. Novas demandas surgem e o papel do professor reconfigura-se, afastando a figura de um detentor do saber, autoritário, colocado acima do bem e do mal. Mais do que nunca, emerge a necessidade de um professor mediador, parceiro experiente, humano, ético, para formar um aluno dinâmico, ativo, autônomo que domina com perícia os recursos da cibercultura, mas que necessita de uma orientação para transformar informação em conhecimento e assumir seu papel de cidadão crítico e consciente na sociedade contemporânea.

Dentro dessa perspectiva, a escola, muito além de formar um aluno especialista em tecnologias de ponta, precisa instrumentalizá-lo para que seja um sujeito ativo, ético, democrático nesta nova sociedade. Não se trata de filtrar as informações a que os alunos têm acesso, mas de organizar situações em que estes consigam perceber aquilo que é relevante para a sua formação pessoal e profissional. Moran (2013) atribui ao professor a tarefa de ajudar o aluno a escolher, a compreender e a tornar parte de seu referencial as informações verdadeiramente importantes.

Mas, dificilmente, o indivíduo poderá assumir uma postura crítica frente ao universo de informações do ciberespaço sem que disponha de competências básicas de leitura e de produção de textos, sobretudo dos textos multissemióticos. Se há algumas décadas os alunos precisariam apenas dominar as técnicas de leitura e escrita do texto, usando a linguagem verbal, na escola contemporânea, devem saber lidar com a multiplicidade de linguagens trazidas pelas referidas tecnologias, visto que hoje surge uma infinidade de linguagens e de textos, e uma diversificação de suportes em que os textos são veiculados. Não se trata de dizer que a escrita perdeu sua importância. Apesar de todos os avanços e mudanças ela continua imperiosa, crucial para que o indivíduo possa agir de forma autônoma na sociedade, mas agora, não é a única linguagem que compõe os textos. Os alunos precisam ser instrumentalizados para terem a possibilidade de “tomar posse da palavra” escrita ou não, e agir como sujeito crítico diante destes textos e conseqüentemente na sociedade.

Mas, de que forma a escola pode organizar situações de ensino-aprendizagem que propiciem a ampliação dos níveis de conhecimento do aluno no tocante à leitura e à escrita

usando as tecnologias da informação e comunicação? Que recursos tecnológicos poderiam ser utilizados neste processo? É possível utilizar as tecnologias móveis, sobretudo o celular nesse processo? Que práticas sociais de leitura e de escrita (letramentos) podem ser utilizadas na escola, no processo de ensino de aprendizagem?

Para Rojo (2012), é importante aceitar, valorizar as marcas linguísticas e culturais de todos os grupos sociais que compõem a sociedade contemporânea, e ao mesmo tempo possibilitar a sua ampliação. Trata-se, então, de formar um sujeito multicultural que transita no universo multissemiótico do texto contemporâneo e faz escolhas conscientes, compreendendo que há uma diversidade de linguagens, pois há uma multiplicidade de culturas que precisam ser conhecidas, respeitadas.

Por outro lado, é importante que a escola reflita sobre a possibilidade de utilização do celular e de outras tecnologias móveis como recurso didático na sala de aula. Nesse sentido, quando a escola nega, proíbe ou censura os recursos tecnológicos utilizados pelos alunos para a comunicação com seus pares, ou para o acesso às informações, está colaborando com a exclusão social destes indivíduos, já que estes artefatos são a porta de entrada para a interação com a rede mundial de computadores. A proibição vai de encontro com um processo natural de apropriação dos bens culturais produzidos pela sociedade de que o aluno é contemporâneo.

Estas considerações foram muito relevantes para pensar e repensar um fenômeno muito comum numa Escola Municipal, localizada no Bairro do Rangel, na cidade de João Pessoa, com os alunos de 8º ano do Ensino Fundamental, que me incomodava bastante enquanto professora de Língua Portuguesa. Quando se tratava de realizar as atividades de leitura e de escrita na sala de aula, a indisciplina e o desinteresse dos alunos reinavam soberanos. As práticas de leitura e de escrita valorizadas pela escola não despertavam o interesse e a motivação. Por outro lado, não conseguiam deixar o celular de lado e agiam como sujeitos ativos da cibercultura: escrevendo, interagindo, comentando, usando, sem maiores dificuldades, textos multissemióticos, em especial, nas redes sociais.

Estavam quase o tempo todo divididos entre prestar atenção ao conteúdo programático abordado e ouvir música com os fones de ouvido e/ou conversar pelas redes sociais, fotografar e até filmar. Era uma situação caótica e desafiadora. A escola enxergava a indisciplina gerada pelo uso exacerbado do celular como falta de respeito, de princípios éticos dos alunos e tentava punir de forma severa. Mas sem obter sucesso. Cotidianamente, os alunos eram punidos, mas continuavam usando de forma explícita ou disfarçada.

A situação era desafiadora. Estava claro que a proibição não seria o caminho mais sensato. Além disso, a escola não poderia negar, ou esconder, que mesmo que estivessem

usando as redes sociais sem fins pedagógicos, os alunos estavam lendo e escrevendo o tempo todo, só estaria faltando olhar para esta prática social de uso da linguagem e tomá-la como ponto de partida para novas aprendizagens. Optei por acreditar que não seria possível continuar ignorando estas tecnologias da comunicação, tampouco os textos multissemióticos que ali emergiam e seduziam os alunos. Só teria duas escolhas a fazer no momento, manter-me indiferente, ou analisar o caso de forma mais aprofundada, e a partir das descobertas reorganizar a prática pedagógica, dentro de uma perspectiva mais democrática, acolhendo os saberes dos alunos e ampliando-os.

As bases teóricas para trilhar este caminho deu-se a partir do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), oferecido pela Universidade Federal da Paraíba, em especial, quando realizei as primeiras leituras sobre multiletramentos e comecei a compreender a importância de organizar situações de ensino-aprendizagem de leitura e de escrita usando os dispositivos tecnológicos digitais, de acolher os saberes linguísticos e culturais dos alunos, organizando situações de aprendizagem em que estes, participem de várias práticas sociais de uso da leitura e da escrita (letramentos).

No transcorrer do curso, procurei aprofundar minhas leituras e tive acesso às ideias de Nascimento (*apud* CAMARGO; SOARES 2012) dentre outros. Segundo ele, ao proibir o uso do celular, através de mecanismos legais, o poder público tenta manter um ambiente de ordem no cotidiano das escolas. No entanto, os alunos ao burlarem a lei, e usarem o celular buscam novas formas de sociabilização, tornando a escola um ambiente de tensão. Essa tensão é uma das características da Sociedade Contemporânea. Tal posição reportou-me à minha prática. O estudioso citado tinha razão: o celular gera tensão no interior da escola, pois era isso que eu estava vivenciando com meus alunos. E não apenas eu, meus colegas professores relatavam as mais diversas situações de atrito entre eles e os alunos gerados pela utilização do celular na sala de aula. Havia um grupo de professores que proibia terminantemente o uso. Quem fosse flagrado transgredindo a norma seria expulso da sala, encaminhado à direção. O celular seria apreendido, e em muitos casos, só seria devolvido ao pai ou responsável, visto que todos os pais e/ou responsáveis haviam avisados sobre a lei que proíbe o uso de celular em sala de aula, por ocasião do início do ano letivo.

Havia docentes que negociavam e realizavam uma proibição parcial: enquanto estivessem “copiando”, realizando alguma atividade de sua disciplina, não poderiam usar, mas ao término poderiam, livremente, desde que não causassem tumulto, ou atrapalhassem os colegas que ainda estavam concluindo as atividades. Outros solicitavam que, durante suas

aulas os alunos mantivessem os aparelhos desligados. Como podemos ver as medidas para tentar resolver a problemática eram muitas, mas todas, igualmente, inócuas.

A partir das primeiras leituras neste campo, indagava-me: será que não estaríamos perdendo uma oportunidade de utilizá-lo como recurso didático, em todas as áreas do conhecimento, em especial no ensino de Língua Portuguesa? Foi com esta convicção e com muitas dúvidas que comecei minhas buscas para superar este desafio. As questões norteadoras para a realização das intervenções pedagógicas propostas foram:

- Como o celular poderá ajudar na formação de alunos, no tocante à produção de textos multimidiáticos?
- Quais são os caminhos para a formação do leitor/escritor na cibercultura?

O nosso objetivo geral foi realizar atividades voltadas para a formação dos alunos na perspectiva dos multiletramentos, partindo do princípio de que é prerrogativa da sociedade contemporânea desenvolver nos alunos capacidades de leituras e de produção de textos multissemióticos e a formação para posturas éticas, democráticas e humanas em todos os espaços, inclusive os virtuais, usando o celular, dentre outras tecnologias como recursos pedagógicos.

Os objetivos específicos tiveram como metas: investigar as motivações dos alunos para usarem o celular em sala de aula, bem como, o que pensam da lei que proíbe seu uso; propiciar a reflexão acerca da importância das regras de etiqueta para uma convivência harmoniosa nas redes sociais e realizar mobilização na escola e nas redes sociais sobre o uso responsável da internet.

Diante desse contexto, o trabalho está dividido em quatro partes: a primeira descreve a posição de teóricos sobre o surgimento da internet, da chegada das tecnologias móveis, de como estes dois fenômenos propiciam mudanças nos processos de comunicação e de acesso ao saber, além de descrever o perfil do aluno chamado nativo digital e qual deverá ser o perfil do professor contemporâneo. Na segunda parte, apresentamos as mudanças nas linguagens trazidas pela cibercultura, no tocante à leitura e à escrita e ao mesmo tempo, indicamos quais seriam os caminhos para a educação linguística na sociedade contemporânea. Na terceira, descrevemos a metodologia usada, desde a pesquisa para conhecimento do problema, bem como a aplicação do projeto de intervenção. Na quarta apresentamos e discutimos os resultados e na quinta parte apresentamos as considerações finais registrando o intento de que o estudo, ora realizado, venha a contribuir com o fazer pedagógico no contexto escolar frente ao uso das tecnologias digitais contemporâneas como ferramentas em favor do processo ensino/aprendizagem.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Parte I: UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

1.1 A rede mundial de computadores: o canal de interconexão global

Para nós da sociedade contemporânea, o acesso a um universo de informações trazido pela internet pode ocorrer a qualquer hora e em qualquer lugar, sobretudo quando se tem, na palma da mão, no bolso ou debaixo do travesseiro um dispositivo inteligente, multifuncional, portátil, de fácil manuseio e barato em relação a outros artefatos tecnológicos, como o celular. Podendo dar a impressão (sobretudo aos que nasceram após a década de 90 do século XX) de que a rede mundial de computadores chegou até nós assim: descomplicada, acessível e que os equipamentos que possibilitam a nossa conexão com o mundo virtual também caíram de paraquedas em nossas vidas.

Todavia, ao analisarmos o processo de criação da internet e do ciberespaço, de acordo com Lévy (1999), percebemos que a atual interface de conexão e os equipamentos de acesso à rede passaram por um complexo processo de aprimoramento. Assim, o primeiro passo foi a criação de uma máquina (Inglaterra e Estados Unidos) enorme que era utilizada por militares para fazer cálculos científicos. “Os computadores eram grandes máquinas de calcular, frágeis, isoladas em sala refrigeradas, que cientistas em uniformes brancos alimentavam com cartões perfurados e que de tempos em tempos cuspiam mensagens ilegíveis.” (LÉVY, 1999, p. 31).

Nesta época, apenas os visisonários previam a grande revolução que esta máquina iria provocar em tempos futuros no campo da comunicação, da produção e da difusão da informação.

A grande mudança começou a acontecer na década de 70 do século XX, quando ocorreram o desenvolvimento e a comercialização do microprocessador que acabaram desencadeando diversos processos econômicos e sociais de proporções amplas. Mas os avanços não pararam por aí, a criação do computador pessoal tornou possível que uma parcela crescente da população dos países desenvolvidos utilizassem a máquina como instrumento de criação, de organização e de diversão. Na década de 80, a informática perdeu a característica de ferramenta tecnológica atrelada ao setor industrial particular e passou a ser utilizada pelas telecomunicações, pela editoração, pelo cinema e pela televisão. Diante desse contexto, Lévy (1999, p. 32), assevera:

A digitalização penetrou primeiro na produção e gravação de músicas, mas os microprocessadores e as memórias digitais tendiam a tornar-se a

infraestrutura de produção de todo domínio da comunicação. Novas formas de mensagens interativas apareceram: esse decênio viu a invasão dos videogames, o triunfo da informática amigável (interfaces gráficas e interações sensório motoras) e o surgimento dos hipertextos (hipertextos, CD-ROM)

Apesar de tantos avanços, a grande revolução ainda estaria por vir e aconteceria entre o final dos anos 80 e o início dos anos 90, incentivado por um movimento sócio-cultural anárquico iniciado por jovens profissionais das Universidades Americanas que tomou uma dimensão global. Sem que houvesse controle de instituições, ou de grupos hegemônicos (ligados ao poderio econômico ou bélico), os computadores ligaram-se uns aos outros, e formaram uma teia global de interconexão que cresce a cada milésimo de segundo, com uma cultura espontânea e imprevisível, impondo um novo rumo para o desenvolvimento tecnoeconômico.

Desse modo, a rede mundial de computadores surge como um grande oceano de informações alimentado de forma permanente por muitos rios: “redes independentes de empresas, de associações, de universidades [...] mídias clássicas e por muitos amadores.” (LÉVY, 1999, p. 32). Esta alimentação constante de informações torna a rede mundial de computadores o elo de interconexão global mais importante de nosso tempo, capaz de transpor barreiras geográficas, temporais e culturais, disponibilizando uma infinidade de informações, e interligando pessoas de qualquer parte do planeta. Desenhando e redesenhando várias vezes a figura de um labirinto móvel em expansão que rompe com barreiras geográficas e temporais (LÉVY, 1999).

Nesse sentido, o ciberespaço é democrático e plural, pois faz ecoar vozes de sujeitos que historicamente foram silenciadas por questões econômicas e sociais. Se antes da chegada da internet, os canais privilegiavam a voz de indivíduos de grupos hegemônicos, hoje o processo é diferente. O poder está ao alcance de pessoas de diferentes lugares. Esta seria a grande contribuição da internet: a deslocação dos centros de poder para longe dos estados e instituições, transferindo-os para os indivíduos. Assim:

Para alguns, a representatividade digital será a primeira experiência de poder de suas vidas, permitindo que eles sejam ouvidos, notados e levados a sério [...] Como resultado, governos autoritários vão perceber que a população recém conectada é mais difícil de ser controlada, reprimida e influenciada [...] serão obrigados a incluir mais vozes em sua agenda política [...] de maneira que a atual tecnologia está estruturada, ela tende a favorecer o cidadão (SCHMIDT; COHEN, 2013, p.14).

Toda essa conectividade global, em contínuo processo de modificação, não implica mudanças apenas às instituições de poder. Traz às antigas instituições, como a escola, a necessidade de adaptação, sob o risco de se tornarem obsoletas e sem função social. As escolas contemporâneas necessitam levar em consideração que os conhecimentos se renovam num ritmo frenético (LÉVY,1999), e que é possível estudar em espaços físicos e virtuais.

Nessa perspectiva, o que se observa, no cenário global, é o esforço de empresas e de escolas para se atualizarem. Para Eric Schmidt – presidente da *Google* e JaredCohen – diretor do *Google Ideas* (2013) há uma tendência muito clara para as empresas e para as escolas de transitarem entre os mundos real e virtual. Deste modo, corrobora Moran (2013, p. 30):

Com as tecnologias atuais, a escola pode transforma-se em um conjunto de espaços ricos de aprendizagens significativas [...] Os espaços se multiplicam, mesmo que não saíamos do lugar. As salas de aula podem tornar-se espaços de pesquisa, de desenvolvimento de projetos, de intercomunicação *on-line*, de publicação, com a vantagem de combinar o melhor do presencial e do virtual no mesmo espaço e ao mesmo tempo. Com isso é possível pesquisas de todas as formas, utilizando todas as mídias, todas as fontes, todas as maneiras de interação. Pesquisar às vezes juntos, ou em pequenos grupos, ou mesmo individualmente. Pesquisar na escola ou em diversos espaços e tempos [...] relacionar os resultados, compará-los, contextualizá-los, aprofundá-los, sintetizá-los.

Destarte, a chegada da rede mundial de computadores favorece a criação de formas diversas de aprendizagem. Trabalhar com recursos didáticos disponíveis, apenas no espaço físico da escola, não atende as atuais demandas de ensino-aprendizagem da sociedade contemporânea. É importante que a referida instituição esteja aberta a repensar suas práticas e a renovar os processos, os métodos e as ferramentas de aprendizagem, sobretudo no ensino de Língua.

1.2 O celular como dispositivo imprescindível ao homem contemporâneo

Desde a criação da internet, as tecnologias da informação e comunicação progrediram numa velocidade sem precedentes na história da humanidade, e o atual momento é das conexões sem fios, o que faz com que o celular passe a ser um artefato tecnológico essencial, quase um amuleto para os indivíduos deste século, sobretudo pelo seu baixo custo, por ter interface amigável e por dar a possibilidade de conexão global aos indivíduos. Estima-se que mais 5 bilhões de pessoas no mundo façam uso do celular.

Santaella (2007, p. 232) esclarece que os celulares

ligados à câmeras fotográficas e sensores meteorológicos, químicos, médicos, e de raio gama, tornaram-se pequenas criaturas sensíveis, quase vivas. [...] uns verdadeiros mimos, vão para onde vamos, pequenos objetos de estimação, nos bolsos, nas bolsas, colam-se ao nosso rosto, e por meio de protocolos simples de uma interface amigável, seus infinitos fios invisíveis nos põem em contato com pessoas de qualquer parte do mundo.

Desta forma, mantemos uma relação íntima e pessoal com eles, a ponto de considerá-lo uma extensão de nós mesmos. É como um passaporte para uma infinidade de mundos, o que faz com que se tornem hoje um meio de comunicação de massa que perpassa a função de telefonia, visto que:

é ao mesmo tempo [...] televisão, cinema, receptor de informações jornalísticas, difusor de e-mails e SMS, WAP, atualizador de sites (*moblogs*), localizador por GPS, tocador de música (MP3 e outros formatos), carteira eletrônica... Podemos agora falar, ver TV, pagar contas, interagir com outras pessoas por SMS, tirar fotos, ouvir música, pagar o estacionamento, comprar *tickets* para o cinema, entrar em uma festa e até organizar mobilizações políticas e/ou hedonistas (caso das *smart* e *flash mobs*). O celular expressa a radicalização da convergência digital, transformando-se em um "teletudo" para a gestão móvel e informacional do cotidiano. De media de contato inter-pessoal, o celular está se transformando em um media massivo (LEMOS, 2004, p. 02).

Lemos (2007b) prefere conceituá-lo como Dispositivo *Híbrido Móvel de Conexão Multirredes (DHMCM)*, ou seja, é *Dispositivo* por ser uma tecnologia da comunicação; *Híbrido*, pela congregação de várias funções; *Móvel*, por ser portátil; de *Conexão e Multirredes*, por agregar diversas redes, como, infravermelho, *bluetooth* etc. Não é à toa que nossos alunos tenham dificuldade de deixar o aparelho e fixar sua atenção nas aulas, ou até mesmo de guardá-lo no bolso ou na bolsa nas mais diversas situações. Basta olhar em volta: na parada de ônibus, na sorveteria, em casa, na cama, no meio da rua, no curso. A impressão que temos é que esta geração de fato não consegue viver sem o celular.

Desta forma, Santaella (2007) aponta algumas modificações trazidas pela utilização em larga escala dos celulares.

A primeira delas é o apagamento dos limites entre a presença/ausência, pois o indivíduo pode se encontrar fisicamente em um determinado lugar e manter um vínculo

mental com o mundo do interlocutor com o qual interage usando o celular. Dando a sensação de onipresença: estar em dois lugares ao mesmo tempo.

A segunda, tem relação com a distinção entre o público/privado, visto que com a chegada das tecnologias móveis o público e o privado misturam-se ou apagam-se. A autora apresenta algumas situações como exemplo: o indivíduo que em meio a uma multidão (espaço público) fala “sozinho” (privado) ao entender um telefonema.

A terceira diz respeito aos limites segregação/dispersão, ou seja, ter o celular sempre à mão possibilita a necessidade de divisão da atenção entre o ambiente circundante e a informação disponível no celular. É o caso do motorista que atende ao telefone enquanto dirige e o resultado desta fusão, todos sabemos, já que é inclusive proibido por lei.

A quarta, seria a assincronicidade. Ocorre quando o indivíduo controla os momentos e os tipos de comunicação que deseja realizar de acordo com os espaços e tempos. Ou seja, certos horários são preferidos para fazer ligações, outros para conversas fúteis nas redes sociais, além disso, o indivíduo separa os contatos do telefone por grupos, insere músicas específicas para poder ter controle sobre a urgência ou não das ligações.

A quinta, envolve a oralidade e a escrita hipermídia e ocorre quando o indivíduo quando o indivíduo utiliza a oralidade em suas interações, em qualquer lugar a qualquer hora e/ou envia mensagens multimídias incorporando a hibridização de linguagens que tem relação com as capacidades híbridas de cognição humana.

Portanto, assim como o acesso a rede mundial de computadores trouxe uma série de possibilidades e de mudanças para o processo de ensino-aprendizagem, com as tecnologias móveis não é diferente. Muitos estudiosos defendem sua utilização didática e apontam que as tecnologias móveis desafiam os professores e as instituições a saírem da perspectiva tradicional, para um modelo de aprendizagem em que alunos também são protagonistas no seu processo de aprendizagem, usando as tecnologias móveis.

1.3 Por que (não) utilizar o celular na sala de aula?

A internet e os dispositivos móveis, sobretudo o celular, tornam a aprendizagem um processo ubíquo e pervasivo, pois o indivíduo passa acessar, produzir e disseminar o conhecimento de qualquer ponto do globo terrestre, ultrapassando limites geográficos, culturais e temporais.

Todavia, quando o celular chega à escola instaura uma grande polêmica em torno de seu uso, já que para a maioria dos educadores, gera indisciplina e dispersão. Para Moura

(2008), a polêmica em torno da proibição ou liberação dos telemóveis na escola surgiu na primeira década do século XXI, quando os indivíduos passaram a ter acesso, cada vez mais cedo, aos referidos aparelhos. Segundo a autora, a maioria dos países opta pela proibição, visto que existe a ideia de que tais dispositivos geram prejuízos à aprendizagem.

Representativa desta posição é a Lei 8.949, de 03 de novembro 2009, que veta na Paraíba, a utilização do celular, tanto em escolas públicas quanto privadas, sob a alegação de que:

a atenção do aluno deve estar 100% direcionada aos estudos e [...] os alunos podem fazer uso do celular nos momentos em que não estiverem tendo aula [...] Com o crescimento do uso de celulares na Paraíba [...] as pessoas estão conectadas [...] ao mundo 24 horas por dia, mas o uso indisciplinado da tecnologia pode ser prejudicial ao homem [...] Todos esses aparelhos devem ser usados durante os intervalos ou no final das aulas porque são tecnologias que chamam a atenção de todos os alunos. Atualmente cada aluno quer mostrar um novo lançamento em sala de aula o que acaba desviando a atenção de toda a classe. (JUSBASIL, 2015).

Entretanto, apesar de serem promulgadas e disseminadas uma infinidade de leis proibindo a sua utilização em sala de aula, isso não tem sido suficiente para que os alunos deixem de usá-lo. O poder público tenta manter um ambiente de ordem no cotidiano das escolas, no entanto, os alunos burlam a lei, e continuam usando. O que faz com que alguns estudiosos contemporâneos e instituições diversas defendam que em vez de proibir, as escolas devam usar os telemóveis como ferramentas para o ensino e aprendizagem.

Dentro desta perspectiva, as Diretrizes de Políticas para aprendizagem móvel (UNESCO, 2013) defendem que as tecnologias móveis, longe de causar prejuízos, podem ampliar e enriquecer oportunidades educacionais, promover aumento do alcance e a igualdade na educação, facilitar a aprendizagem individualizada, oferecer retorno e aprendizagens imediatos, permitir aprendizagens ubíquas, melhorar o uso do tempo de aprendizagem em sala de aula, propiciar a criação de comunidades de estudantes, apoiar a aprendizagem fora de sala de aula, potencializar a aprendizagem utilizando diversos dispositivos, criar uma ponte entre aprendizagem formal e informal, minimizar a interrupção educacional em áreas de conflito, dentre outras vantagens.

Por outro lado, Moran (2012,) coloca que o uso do celular ou outras tecnologias móveis como ferramenta de ensino-aprendizagem só poderá ocorrer, se as instituições superarem o paradigma de educação em que o professor é o centro, para um modelo em que

haja uma aprendizagem mais participativa e integrada, mesclando atividades presenciais e à distância, estreitando vínculos pessoais e afetivos, convivendo também virtualmente. A sala de aula não poderá ser vista como o único espaço de aprendizagem. É importante usar, de forma eficiente, o melhor do presencial e do virtual, ao mesmo tempo.

Apesar de reconhecer que as tecnologias móveis podem gerar tensões na escola, o autor citado aponta que estas, provocam profundas mudanças na educação presencial e à distância. Na presencial, desconstroem a ideia de um ensino preso a espaços físicos, visto que é possível aprender em vários lugares de muitas formas, juntos e separados, *on-line* e *off-line*. Na modalidade de educação à distância, permitem o equilíbrio entre a aprendizagem individualizada e a colaborativa, de maneira que os aprendizes podem aprender sozinhos ou em grupo, de forma mais flexível e adequada ao ritmo e as necessidades de aluno. O fato é que hoje esta geração aprende de muitas formas e a escola precisa se adaptar às mudanças trazidas pelas novas tecnologias da informação e comunicação.

1.4 Geração X e geração Y e Z: diferentes formas e ferramentas de aprendizagem

Decididamente, a geração de crianças e de adolescentes da contemporaneidade aprende de maneiras muito distintas das gerações anteriores. Para compreendermos e aproveitarmos estas diferenças a favor da aprendizagem, é importante tomar consciência do que seria cada geração e das características específicas delas. Segundo Gabriel (2013), na perspectiva das ciências sociais, uma geração seria um grupo pessoas que vivencia os mesmos eventos significantes em um certo período de tempo. Assim, desde a antiguidade se usa este conceito para localização de grupos de nascimento em circunstâncias históricas e culturais específicas, como elemento de diferenciação e comparação.

O autor citado traz algumas conceituações sobre as gerações. Vejamos algumas:

1. Geração X – nascidos entre a década de 60 e os anos 80;
2. Geração Y - nascidos entre 1980 e início da década de 2000;
3. Geração Z – nascidos a partir da década de 2000.

A convivência conflituosa de gerações é tão antiga quanto a história da humanidade.

No que concerne às gerações aqui elencadas, não é diferente. Para aqueles indivíduos que nasceram entre a década de 60 e os anos 80, a produção e a difusão do conhecimento eram processos mais lentos. A escola era o lugar privilegiado de difusão do saber, as bibliotecas locais de silêncio e os recursos para comunicação eram unilaterais.

Todavia, nas duas últimas décadas do século XX, quando os jovens tiveram acesso às tecnologias digitais, o processo de aprendizagem diversificou-se bastante. Até os anos 70, somente os adultos com mais de trinta anos poderiam ter acesso às tecnologias de última geração como os computadores, mas hoje, podemos perceber que até mesmos os bebês já convivem com tecnologias digitais, mesmo com o intermédio dos adultos. O resultado disso, é que as novas gerações conseguem gerenciar uma infinidade de atividades: ouvir música, estudar, acessar as redes sociais, enquanto estudam (GABRIEL, 2013).

Assim, considerando-se que professores e alunos são de gerações diferentes, pode ser que este encontro, na sala de aula, seja marcada pelo conflito. Para a autora, é importante que os professores conheçam as formas como essas gerações digitais aprendem para poder desenvolver uma metodologia adequada aos interesses, equipamentos que usam para aprender, e a maneira como se relacionam consigo mesmo e com o mundo.

Prensk (*apud* PESCADOR, 2012) designa a geração Y e Z como nativos digitais, ou seja, nasceram na Era das Tecnologias Digitais e as usam como se fossem parte integrantes de si mesmos. Habitados a usar as mídias digitais, desde que nasceram, recorrem a elas, quando necessitam de uma informação, muito antes de pensar em buscar em livros ou fontes impressas, pois têm domínio da tecnologia digital.

Tais nativos apresentam facilidade para transitar entre o *on-line* e *off-line*, usando as redes sociais e os *blogs* para publicar suas ideias, opiniões, sentimentos, muito diferente de seus pais que usavam um diário guardado a sete chaves, trancados para que ninguém pudesse ler. Não desgrudam do celular: assistem TV, baixam arquivos, conversam nas redes sociais, tiram fotos e enviam, trocam mensagens dentre outras ações. O fato é que a geração X, está habituada a outros ritmos e conseqüentemente, não compreende como estes adolescentes conseguem coordenar tantas atividades ao mesmo tempo.

As gerações que nasceram antes da criação da cibercultura (imigrantes digitais) não apresentam as mesmas habilidades no manuseio das tecnologias, são em geral, mais lentas. Enquanto o imigrante digital lê e estuda de forma minuciosa para compreender o funcionamento de um aparelho, o nativo descobre enquanto usa.

Mas, por que nos propomos a inserir estas informações em nossa pesquisa? Pelo fato de considerarmos que muitos dos conflitos ocorridos entre professores, instituições de ensino e os alunos, no tocante às ferramentas de ensino e aprendizagem, podem ser amenizadas, se compreendermos quais são as principais características dos sujeitos nascidos na Era Digital, suas ferramentas de interação, a maneira como aprendem e a maneira como se relacionam consigo e com o mundo. Acreditamos que o encontro entre nativos e imigrantes digitais pode

ser enriquecedor para ambos, se o professor e a escola souberem acolher, respeitar e envolver os alunos em suas aprendizagens.

1.5 E agora, professor, como exercer a docência na sociedade contemporânea?

Nos novos tempos, indubitavelmente o professor é uma figura central. No entanto, o seu papel se diversifica, “exigindo uma grande capacidade de adaptação e criatividade diante das novas situações, propostas e atividades” (MORAN, 2012, p.35). Surge a necessidade de utilizar, no processo de ensino-aprendizagem, uma diversidade de tecnologias: simples ou complexas, internet banda larga ou conexão lenta. Em outras palavras, o professor deve ser “um camaleão”: flexível para adaptar-se a situações muito diferentes e sensibilidade para escolher a melhor solução num dado momento.

Dentro desta perspectiva, o professor precisa ser competente profissionalmente. Perrenoud (2000, p. 11) define competência como sendo a “Capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação. Este conceito leva em conta que as competências mobilizam, compõem e harmonizam os saberes. Essa mobilização é sempre situada”. O referido autor apresenta uma lista com dez competências que considera essenciais ao exercício da docência.

Para o Perrenoud (2000), a referida lista descreve, antes, um futuro possível e desejável da profissão docente. O que fica evidente é o cuidado em explicitar que as opções aqui colocadas são passíveis às críticas e não correspondem a uma verdade absoluta e que este caminho é feito a partir de opções político-ideológicas.

Em linhas gerais, as dez famílias de competências são: organizar e dirigir situações de aprendizagem; administrar a progressão da aprendizagem; conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; envolver os alunos em suas aprendizagens; trabalhar em equipe; participar da administração da escola; informar e envolver os pais; utilizar novas tecnologias; enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão; administrar a formação contínua.

Para atingir a primeira competência, o professor deverá romper com o modelo tradicional de aulas, sendo capaz de dinamizar as situações de aprendizagem, tornando-as amplas, flexíveis, significativas e sistemáticas, usando método de pesquisa, de identificação e de resolução de problema.

A segunda competência parte do pressuposto de que o conhecimento é processual e acontece a longo prazo. Assim, é importante elaborar atividades adequadas ao conhecimento e às possibilidades dos alunos, estabelecer objetivos de forma longitudinal, relacionar teoria à

prática, realizar acompanhamento dos alunos sob a ótica formativa, analisar as competências de forma periódica e tomar decisões de progressão.

A terceira competência toma forma, quando o professor propõe situações de aprendizagem considerando a natureza singular de cada aluno, de modo a propiciar o desenvolvimento de todos. Não se trata de dar aulas particulares, mas utilizar os recursos disponíveis para que cada aprendiz obtenha sucesso.

Por trás da quarta competência existe o reconhecimento de que o professor tem a responsabilidade de motivar e envolver os alunos em suas aprendizagens. O desafio é provocar o desejo de aprender explicitando a importância do saber, o sentido do trabalho escolar, desenvolvendo no aluno a capacidade de autoavaliar, criando conselhos de alunos, negociando diversos tipos de regras, oferecendo atividades diferenciadas, ajudando o aluno a ter um projeto de vida pessoal.

A quinta competência está mais relacionada à evolução do ofício, do que a uma escolha pessoal. Trabalha-se a ideia de que a cooperação é um valor profissional. Diante disso, o professor deve ser capaz de elaborar um trabalho que represente a coletividade e não apenas seus interesses individuais. Para tanto, deve assumir cargos de liderança, discutindo em conjunto os problemas profissionais, gerir crises ou conflitos interpessoais.

Na sexta competência, o professor assume papel relevante na construção do projeto político-pedagógico da escola, na administração dos recursos financeiros da escola, ao exercer cargos de direção mantendo parcerias, organizando e ampliando mecanismos de participação dos alunos.

A sétima competência trata da importância de compartilhar e discutir com os pais as melhores maneiras de promover a educação dos pais. Parte-se do pressuposto de que estes, têm o direito de entrar na escola, de serem informados, consultados, e sobretudo têm o direito de participar da gestão da escola. Mas como o professor poderá desenvolver esta competência? Gerindo reuniões, entrevistando os pais, informando a evolução da aprendizagem dos filhos, dentre outras possibilidades.

Na oitava competência apresenta-se a necessidade do professor dominar e usar as novas tecnologias no processo de ensino aprendizagem. Usar recursos multimidiáticos, editores de texto, *softwares* e a comunicação à distância, como possibilidades de inserção dos novos dispositivos tecnológicos.

A nona competência traz subjacente a consciência de um professor que está imerso em uma sociedade em crise de valores e ao mesmo tempo aponta para a necessidade de refletir sobre eles, assumindo uma postura ativa e combativa de qualquer forma de violência. É mister

exercer o papel de cidadão, atuando na prevenção dentro e fora da escola, promovendo lutas de combate ao preconceito e à discriminação, participar de normas de vida em comum, refletir sobre a prática pedagógica, sobre as relações de poder em sala de aula, estimulando o senso de responsabilidade, da solidariedade e do sentimento de justiça.

Na décima competência, há a consciência de que a formação é um processo que deve acontecer ao longo da vida. As competências precisam ser atualizadas, flexibilizadas às condições de trabalho. O professor deve ser capaz de compreender sua prática, avaliar suas competências, o seu processo pessoal de formação, partilhando com os colegas, participar das atividades do sistema de ensino que transcendam a sala de aula, respeitando a formação dos colegas e ao mesmo tempo dela participar.

De modo geral, o professor deve conhecer com profundidade o microcosmos de sala de aula, percebendo o perfil de seus alunos com potencialidades e limitações, ao mesmo tempo em que participa, como sujeito da ação, da escola onde atua e mais ainda aproveitando o potencial educativo do mundo virtual, utilizando tecnologias da informação e comunicação a favor do processo de ensino-aprendizagem.

PARTE II: TEXTO, LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

2.1 O hipertexto e sua nova configuração tecnológica diante da linguagem digital

Sons, palavras e imagens e outras linguagens, que antes da criação da cibecultura, existiam lado a lado, passam a se unir e se hibridizar em estruturas fluídas, flexíveis, chamadas de hiperdocumentos ou hipertexto. Essa nova forma de textos surge em suportes como o CD-ROM e o DVD e hoje se constitui como a linguagem da internet. Para Lévy (1999), os hipertextos são uma informação multimodal disposta em uma rede de navegação rápida e intuitiva, amarrada por nós e por *links*.

A chegada do hipertexto, possibilitou que técnicas antigas de ajuda à compreensão do texto impresso, tais como: a consulta ao dicionário, ou a enciclopédias que demandavam do autor o deslocamento entre *hiperlinks* físicos, passaram a ser hábitos superados.

Hoje, as fontes de consulta auxiliares à compreensão do texto estão interligadas na rede mundial de computadores, através dos *hiperlinks*, bastando ao leitor um breve apertar de teclas. Os chamados *hiperlinks* apresentam funções específicas na construção dos sentidos do texto. Para Koch (2011), os *links* apresentam as seguintes funcionalidades:

- a) **Dêitica** – indicar caminhos enunciativos ao leitor, funcionando assim, como focalizadores de atenção. “Ejetam o leitor para fora do texto que naquele momento está na tela, remetendo às suas expectativas de completude de compreensão para outros ali referenciados”. (KOCH, 2011, p.65). No entanto, um *link* leva a outros, abrindo a possibilidade de uma conexão cascata, o que faz com que o hiperleitor corra o risco de se perder na sua busca.
- b) **Coesiva** – os *hyperlinks* entrelaçam os discursos do espaço cibernético e interligam as informações de modo que os hiperleitores possam extrair informações seguras a partir do texto que se assemelha a um labirinto móvel. Desta forma, os *hyperlinks*

[...] devem fazer convergir em torno de um texto eletrônico, dados complementares e ampliadores, acrescentando aspectos que não tenha sido possível adicionar na mesma tela de superfície virtual pela falta de espaço na janela de cristal líquido. (KOCH, 2011, p. 66).

- c) **Cognitivas** – diante de um *hyperlinks*, o leitor aciona uma série de conhecimentos prévios acerca do texto, levanta hipóteses, faz inferências e exercita as suas capacidades cognitivas para a construção de sentidos suscitados pelos os *hyperlinks*.

Diante do exposto, Lévy (1999) afirma que os textos eletrônicos apresentam uma tendência à mistura dos processos de leitura, de escrita, e aos papéis de leitor, escritor e coautor, pois na medida em que o leitor decide o seu percurso de leitura, selecionando quais *hyperlinks* são relevantes ou não, ele vai “escrevendo” seu próprio texto que pode, não necessariamente, coincidir com o objetivo de leitura traçado pelo autor do hipertexto. O mesmo ocorre quando tece considerações ao texto lido, sugere alterações e colabora com o texto do autor.

Tal alternância de papéis, implica, dentre outras coisas, na falta de espaço, na sociedade contemporânea, para a propriedade intelectual de uma obra, e a noção de autor consagrado tende a cair por terra. Conforme Xavier (2010, p. 212):

Na internet, qualquer ilustre desconhecido pode publicar suas ideias sem passar pelo crivo de nenhum conselho editorial e mesmo não estando em dia com a mensalidade da sua entidade acadêmica ou sociedade científica. Isso aponta a natureza democrática da internet materializada no hipertexto e se mostra tremendamente ameaçador ao monopólios de grupelhos ensismemados e autocontemplativos.

A consequência direta dessa democracia das vozes, dos discursos no ciberespaço, é o anúncio feito por alguns autores, da suposta morte do autor, e, conseqüentemente, do fim do *copyright* (LEMOS, 2005). A quem pertencem os direitos autorais de um texto que se encontra na internet e que pode ser facilmente transferido para outros usuários, ser alterado ao sabor do navegador? É de todos. E, ao mesmo tempo de ninguém; pertence ao coletivo de pessoas que desejem dele se apropriar.

Segundo o autor, a cibercultura favorece a chamada cultura remix, ou seja, as “possibilidades de apropriação, desvios, e criação livres” a partir de outros formatos, modalidades ou tecnologias, potencializados pelas características das ferramentas digitais e pela dinâmica da sociedade contemporânea.

Uma outra novidade inaugurada pelo o hipertexto é uma leitura fascinante, envolvente, prazerosa por misturar em uma mesma plataforma o texto verbal, imagens animadas, músicas, tabelas, diagramas tridimensionais etc. Todas essas linguagens reunidas provocam, indubitavelmente, um efeito na maneira como o leitor percebe e processa as informações dispostas no texto facilitando a compreensão. Desta forma, quanto mais estimulado está o leitor/navegador mais estará envolvido e interessado em desvelar os sentidos do texto lido. Este, já não conta apenas com o código linguístico, visto que entram em cena outros símbolos.

Diante do exposto, fica claro que o domínio das habilidades de leitura e de escrita do hipertexto são demandas imperiosas dos novos tempos. O uso das diferentes linguagens em um único espaço precisa ser tomado, como objeto de ensino-aprendizagem, na escola, ou seja, como nova ferramenta para a formação de sujeitos críticos e participativos na sociedade contemporânea. Ao que tudo indica, esse é um processo irreversível e inadiável.

Além disso, o hipertexto possibilita a aproximação entre o leitor, o autor em tempo real, de modo que, o texto passa a ser produto de um diálogo entre muitas vozes independente do contexto e das diferenças socioculturais. Um grande número de indivíduos pode fazer sua voz ser ouvida em lugares longínquos sem o controle dos iluminados da sociedade. Da mesma forma, as classes hegemônicas, podem fazer ecoar seus discursos de alienação, de opressão, chegando cada vez mais longe e atingindo uma quantidade maior de pessoas. O fato é que o hipertexto enquanto discurso da cibercultura pode se tornar o instrumento para comunicação livre e plural, independentemente das ideologias subjacentes a estes discursos.

2.2 A transmutação ou o surgimento de novos gêneros nas mídias digitais

O que acontece com os gêneros convencionais quando migram para o ciberespaço? Deixam de existir ou adaptam-se? Marcuschi (2008) afirma que a interação *on-line* potencializa a evolução dos gêneros, tendo em vista as especificidades de cada meio e a forma como se desenvolve. Estes meios possibilitam uma interação participativa, o que nos obriga a rever algumas noções já consagradas.

Ao tomarmos o gênero enquanto texto concreto, situado histórico e socialmente, sensível à cultura, com relativa estabilidade estilística e composicional, que serve como instrumento de comunicação com objetivos específicos como meio de ação social, torna-se fácil perceber que o meio tecnológico, interfere nas características do gênero.

No entanto, o autor afirma que devemos ter certos cuidados para não acreditar que a internet modifica tudo no tocante à linguagem, visto que, embora reconheça as mudanças, este enfatiza que falar e escrever são práticas bem antigas na história da humanidade e que se mantêm vivas e primordiais em tempos de cultura digital.

Mas quais seriam as especificidades do texto na internet? Para o autor muda a linguagem, a natureza da enunciação, bem como as características dos gêneros textuais. Assim, no que concerne a linguagem, tem-se pontuação resumida, ortografia exótica, abreviaturas não-convencionais, estruturas de frases que não segue regras da gramática normativa, e uma escrita semialfabética; no que diz respeito à natureza enunciativa: utiliza-se múltiplas semioses; e no que se refere às características dos gêneros: ocorre a transmutação de maneira radical dos gêneros existentes e surgem alguns novos.

Para Marcuschi, o discurso eletrônico ainda se acha de forma assistemática, ocorrendo sem regras específicas, sob o ponto de vista linguístico e organizacional. “Trata-se de uma escrita em busca de seu *cânon*, se é que isso ainda pode acontecer” (2008, p. 199). Para ilustrar esta possível tentativa de estabelecer regras para a linguagem da internet, nos valem de Squarisi (2014) que apresenta um “manual de escrita na *web*” intitulado: “Como escrever na internet.” O autor apresenta prescrições para os usuários do ciberespaço, sobretudo das redes sociais, partindo da linguagem como prática social, diz que os interlocutores devem respeitar as convenções de cada espaço de interação.

Segundo o autor, cada contexto requer uma linguagem, e na internet existem regras para a comunicação escrita. A primeira delas é a capacidade de expressar-se com pouquíssimos vocábulos, pois as interações em geral, exigem velocidade e recursos próprios

da oralidade, daí justifica-se todo tipo de arranjo gráfico, desde que tais arranjos não atrapalhem a interlocução dos sujeitos.

Ninguém é obrigado a entrar na onda das mídias eletrônicas, mas se entrar, tem de dançar conforme a música. Em bom português: menos é mais. Dois instrumentos pedem passagem – o metro e a tesoura. Uma mira a extensão de palavras e frases [...] você não precisa inventar nada. A língua mais flexível que chiclete, se oferece todinha para lhe satisfazer as exigências (SQUARISI, 2014, p. 38).

Ao que tudo indica, essa economia de signos para a comunicação da internet se dá pela natureza mesma da sociedade virtual: a fluidez, a rapidez com que tudo se atualiza, se diversifica, a possibilidade de realizar múltiplas ações, ou de interagir com inúmeros indivíduos ao mesmo tempo. São tantos elementos que despertam atenção e interesse do leitor/navegador que é preciso encurtar, cortar o excedente, e isso inclui os textos.

No que concerne ao gênero digital, Marcuschi (2008) aponta uma lista de gêneros emergentes na internet e enfatiza que não se trata de um levantamento exato de quantos gêneros poderiam ser identificados, e diz desconhecer uma designação consagrada para os mesmos, além disso, o autor não esclarece que a lista apresentada não é exaustiva e entende que podem existir mais gêneros com outras definições e caracterizações.

Segundo o autor, os gêneros mais conhecidos e estudados no momento: *e-mail*, *chat* em aberto (bate papo virtual em aberto – *room-chat*), *chat* reservado (bate-papo virtual reservado) *chat* agendado, *chat* privado, entrevista com convidado, *e-mail* educacional (aula virtual), videoconferência interativa, lista de discussão, endereço eletrônico e *weblog*.

Destes, os mais usados, segundo o autor, são os *e-mails*, os *chats* em todos os formatos, listas de discussão e *weblogs*. “Hoje também começa a se popularizar as aulas *chat* e por *e-mail*, no ensino a distância.” (MARCUSCHI, 2008, p. 202). Observa-se, em todos os gêneros que a comunicação é mediada pela escrita, mesmo sendo, em alguns casos, menos monitorada, com certa informalidade, influenciada pela fluidez e pela rapidez do meio.

2.3 A leitura enquanto processo de construção de sentidos: do impresso ao plurissemiótico

O papel do leitor do texto eletrônico ou dos textos convencionais, na perspectiva de Koch e Elias (2013), depende da concepção de leitura, da concepção de sujeito, de língua, de texto e de sentido. Quando a língua é vista como representação do pensamento, o

sujeitor/autor como dono de suas vontades, os leitores assumem a função de buscar no texto a sua ideia tal qual foi mentalizada pelo autor, o texto é visto como produto do pensamento, a leitura como atividade de captação de ideias. Tomando a língua como código, o sujeito como dependente do sistema linguístico, o texto passa a ser visto como produto da codificação de um emissor, e a leitura como decodificação do texto, sendo o leitor responsável pelo o reconhecimento das informações “ditas” pelas palavras e estruturas do texto. Tudo estaria no texto, com seu vocabulário.

Por outro lado, ao tomarmos a língua como instrumento de interação, os sujeitos como construtores de sentido, a leitura será um processo de construção, de busca que se realiza mediante a interação entre texto-leitor-autor, numa mobilização que envolve uma série de conhecimentos linguísticos e extralinguísticos.

Neste sentido, Chatier (1998, p. 77) afirma que

a leitura é sempre apropriação, invenção e produção de significados. [...] O leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum o sentido que lhe deu o autor, seu editor, ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe esta liberdade do leitor que subverte aquilo que o livro pretende impor. Mas esta liberdade é cercada de limitações derivadas de capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos, os lugares, os objetos lidos [...] Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem.

Santaella (2004) analisa o perfil cognitivo do leitor e reconhece que, desde longas datas, a leitura é um processo cognitivo e com a chegada do hipertexto eletrônico esse processo de cognição ganha proporções alargadas, já que o tempo todo este leitor precisa tomar decisões: ligar o dispositivo de acesso ao texto, manusear o *mouse*, selecionar, analisar, excluir e escolher uma trilha a seguir, etc. Apesar disso, reconhece que os processos cognitivos do leitor do hipertexto ainda é um campo pouco explorado, não havendo aportes teóricos diversos que possibilitem um conhecimento mais aprofundado.

A autora, ao traçar um perfil do leitor, toma, ainda que de forma implícita a concepção de leitura como processo de construção de sentidos entre leitor/texto/autor. Assim, esta traz um panorama com tipos de leitores, dentre os quais ela destaca sobretudo, o contemplativo, o movente e o imersivo.

a) **O leitor contemplativo** – Nascido no Renascimento e presente até meados do século XIX, este leitor é filho da sociedade Pré-Industrial, da era do impresso e da imagem

expositiva, por isso, é dado à leituras silenciosas, sem qualquer balbúcio linguístico, em bibliotecas onde impera o silêncio e a austeridade. Ler sentado, imóvel, desprendido do mundo exterior, não tem pressa, pode rever os textos quantas vezes senti necessidade. Mas que fique claro:

Por trás da aparente imobilidade, há a produção silenciosa da atividade de leitora. Trata-se, pois, de uma imobilidade plena energia mental [...] um processo complexo que envolve não apenas a visão e a percepção, mas inferência, julgamento, memória (*Ibidem*, p. 13).

b) **O leitor fragmentado** - Este leitor é filho de uma sociedade Industrial, Capitalista, dos grandes centros urbanos, do consumismo exacerbado, da criação do telegrafo, do telefone, da fotografia, da eletricidade, da notícia com data de validade, com panfletos, da criação do rádio, da televisão, do cinema, das revistas, panfletos, vitrines, letreiros e sinais à cada esquina. Vivendo, desta forma, imerso em um ambiente multissemiótico, com textos e linguagens que apelam para a emoção e para a efemeridade; é seletivo, lê fragmentos de notícias, não mais em um único lugar, ou no silêncio. “Esbarrando o tempo inteiro em signos [...] dentro e fora de casa, esse leitor aprende a transitar entre linguagens [...] passando dos objetos aos signos, da imagem ao verbo, do som para a imagem com familiaridade imperceptível.” (*Ibidem*, p. 31).

c) **O leitor imersivo** – Nativo Digital, nasce na última década do século XX, no momento em que a telecomunicação se alia à informática e faz surgir o maior canal de interconexão global de todos os tempos. Os textos reúnem numa mesma superfície virtual uma multiplicidade de linguagens ligadas por nós que se engendram, que se completam e que podem levar o leitor a uma infinidade de mundos e a utilizar uma série de estratégias de leitura para atingir o objetivo, que o conduz dentro do oceano de informações da cibercultura (*Ibidem*, p. 34)

Esse leitor, ao navegar no mundo labiríntico dos hipertextos, pode passar por mudanças sensoriais, perceptivas e cognitivas que trazem repercussões na sensibilidade física e mental dos indivíduos. Para Santaella (2004) essas transformações são apenas hipotéticas, já que ainda há escassez de pesquisas neste campo.

O fato é que o leitor de todos os tempos é um desbravador de significados: explícitos e implícitos do texto. Alguém que mobiliza múltiplos saberes e experiências para atingir seus objetivos de leitura.

2.4 Educação linguística: a importância dos multiletramentos na escola

Como vimos no início deste capítulo, a rede mundial de computadores dá ao cidadão comum, ou cada usuário da rede o estímulo à produção, à distribuição e à reciclagem de conteúdos digitais diversos: textos literários, protestos, matérias de jornal, emissões sonoras, filmes caseiros, fotografias, músicas, dentre outros.

Nesse sentido, Dionísio (2011), a chegada dos computadores e dos dispositivos de acesso à internet propiciou o surgimento de uma infinidade de ferramentas de manipulação gráfica dos textos, viabilizando a inserção de imagens, movimento, som etc. Segundo Vasconcelos e Dionísio (2011, p. 44), “a produção de gêneros digitais oferece um leque maior de possibilidades [...] para a construção de materiais, para a criação de uma situação de aprendizagem, visando sempre a construção de conhecimentos”

Rojo (2012) reconhece que nossos alunos precisam ser preparados para inserir imagens, diagramas na composição de seus textos, e também para a utilização de recursos mais sofisticados como a imagem, o som, dentre tantas outras linguagens emergentes desde a criação dos meios de comunicação de massa, até a chegada das tecnologias digitais. Tais artefatos trouxeram novos *layouts*, e a facilidade de criação e de publicação das criações em plataformas digitais para um amplo público. Mas não se trata de qualquer tipo de produção de texto. Observamos cada vez mais a combinação de material visual com a escrita, estamos vivendo, sem dúvida, na sociedade cada vez mais visual e pluri-semiótica.

Nesse sentido, Rojo (2009) coloca que não é possível pensar em ensino de leitura e de escrita na escola, sem levar em conta que as tecnologias digitais da informação e comunicação implicam pelo menos quatro mudanças no que concerne ao processo de letramento na escola, ou seja, “ao conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e a escrita na qual os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (SOARES, 1998, p. 72).

A primeira delas diz respeito à diversidade de informação, e ao mesmo tempo, dos meios através dos quais esta se dissemina. O que acaba por gerar novas formas de ler, produzir e difundir os textos na sociedade.

A segunda, tem relação com a diminuição das distâncias espaciais, tanto geográficas, através de transportes físicos cada vez mais rápidos, como em termos de informação e de cultura, através das mídias analógicas e digitais, tornando as pessoas cidadãs da cultura global e desconstruindo identidades.

A terceira, tem a ver com o encurtamento das distâncias temporais determinadas pelo ritmo vertiginoso dos transportes, da informação, dos produtos culturais e das mídias que colocam mudanças nas práticas de letramento.

A quarta, diz respeito a multisssemiose ou a infinidade de modos de significar que as multimídias e hipermídias trouxeram para o texto eletrônico, fazendo com que o aluno necessite manusear a linguagem verbal relacionada a outras modalidades de linguagem.

Além disso, é mister lembrar que o perfil do aluno da escola pública também passou por modificações nas últimas décadas. O ingresso dos alunos e dos professores das classes populares nas escolas acabou por trazer práticas letradas antes desconhecidas e muitas vezes ignoradas como a linguagem do internetês, *o rap*, *o funk*, dentre outras, gerando um conflito entre as práticas letradas valorizadas e desvalorizadas na escola, como aponta Kleiman (*apud* ROJO, 2009). O fato é que a escola hoje é o local de convivência de inúmeras formas de letramento sempre em contato e em conflito, como já dissemos, sendo que alguns serão rejeitados e outros mais enfatizados.

Diante disso, é que faz sentido afirmar que a escola tem como objetivo central possibilitar que seus alunos participem da diversidade de práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita no espaço urbano de maneira ética, democrática e crítica. Para tanto, necessita levar em conta:

Os multiletramentos ou letramentos múltiplos, deixando de ignorar ou apagar os letramentos das culturas locais de seus agentes (professores, alunos, comunidade escolar) colocando-os em contato com os letramentos valorizados, universais e institucionais [...]

Os letramentos multissemióticos exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramento para o campo da imagem, da música das outras semioeses que não somente a escrita. O conhecimento e as capacidades relativas a outros meios semióticos estão ficando cada vez mais necessários aos usos da linguagem, tendo em vista os avanços tecnológicos: as cores, as imagens, os sons o *design* etc. que estão disponíveis na tela do computador e em muitos materiais impressos e em muitos materiais impressos que têm transformado o letramento tradicional (da letra/livro) em um tipo de letramento insuficiente para agir na vida contemporânea.

Os letramentos críticos e protagonistas requeridos para o trato ético dos discursos em uma sociedade saturada de textos e que não pode lidar com eles de maneira instantânea, amorfa e alienada (KLEIMAN *apud* ROJO, 2009, p. 107-108).

Por tudo isso é que pensar o letramento na escola usando apenas como práticas letradas aquelas específicas da escola (resumos, resenhas, narrações etc.) ou de contextos como o literário, jornalístico, não atende as três exigências colocadas anteriormente, pela

sociedade contemporânea. Hoje, é preciso ampliar e democratizar o maior número possível de práticas sociais, tanto as que ocorrem na escola, quanto fora dela, com base no texto verbal e multissemiótico. Desta forma, emerge o termo multiletramentos, segundo Rojo (2012, p.13):

Diferentemente dos letramentos [...] que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não pela sociedade, o conceito de letramento aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio do qual ele informa e se comunica.

Como se observa, o foco dos multiletramentos é a multiplicidade de culturas de linguagens. Nesse sentido, não há lugar para uma cultura dominante, melhor, superior. O que vislumbramos ao nosso redor são produções culturais letradas que circulam socialmente, que mesclam textos de diferentes letramentos, de diversos campos, mas sempre híbridos, que trazem as marcas da subjetividade, de um olhar político, de produções de mistura de diferentes coleções.

O que se observa, no interior das escolas brasileiras, é a diversidade: mistura de raças, culturas, cores, linguagens, mas esta heterogeneidade passa despercebida ou é omitida por razões políticas e sociais.

O modelo de pares antagônicos como o culto e o inculto, cultura erudita e a popular, canônica e de massa, já não se sustentam mais. Cada vez mais predomina a mestiçagem, os híbridos, a heterogeneidade é o paradigma vigente (ROJO, 2012). Nessa perspectiva, a escola deve abrir-se para os novos textos e gêneros do discurso que emergem nos contextos digitais, com suas especificidades e ao mesmo tempo deve valorizar as práticas de linguagem das quais os alunos participam.

Neste sentido, para os multiletramentos, são necessárias inserir no ensino de língua, além das tradicionais ferramentas de produção de texto, novas ferramentas de “áudio e vídeo, tratamento da imagem, edição e diagramação” (*Ibidem*, p. 20), e também de um trabalho com hipertextos e hiper mídias. Assim é preciso organizar situações em que os alunos possam produzir e desenvolver um olhar crítico das informações que recebe através das mídias.

3 METODOLOGIA

3.1 Escolha teórico-medológica

Propomos-nos, neste trabalho, a tornarmo-nos, além de professores, pesquisadores em busca de desenvolver um olhar crítico sobre nossa prática. Buscamos a compreensão, o desvelamento daquilo, que por ser rotineiro, acaba imperceptível aos olhos dos atores (professores/alunos/comunidade escolar) que deles participam (BORTONI-RICARDO, 2008).

A questão do uso do celular na sala de aula já perdurava há um bom tempo e incomodava ao coletivo de professores e à comunidade escolar, de modo geral. Havia um discurso generalizado de que o baixo rendimento dos alunos nas disciplinas era “culpa do celular”. Nossa clientela, durante as aulas, ouvia música, assistia a vídeos, jogava, acessava as redes sociais, realizava diversas atividades. Difícil era prestar atenção e se envolver com o conteúdo programático trabalhado em sala de aula. O que os professores faziam, reiteradas vezes e sem sucesso, era colocar os alunos indisciplinados fora de sala de aula, encaminhavam à direção, comunicavam aos pais, dentre outras ações. No entanto, de volta à sala de aula, nossos continuavam usando de forma discreta. Convencia-me cada vez mais de que a proibição não era a solução; deveria existir uma outra saída.

Para o estudo em tela, dividi a pesquisa em duas etapas. A primeira delas tinha como objetivo conhecer os usos que os alunos faziam do celular na escola, o que pensavam sobre a proibição do seu uso no contexto escolar, bem como os textos usados em suas interações nas redes sociais. A segunda é uma proposta de intervenção voltada para o trabalho de leitura e de escrita usando o celular como ferramenta, baseada nos usos que os alunos fazem dos textos nas redes sociais.

Visando atingir a proposta da pesquisa em sua primeira etapa, optei pelo processo etnográfico. Segundo Erickson (*apud* BORTONI-RICARDO, 2008, p. 41), os etnográficos em educação devem fazer as seguintes perguntas exploratórias para iniciar a sua pesquisa:

- I - O que está acontecendo aqui?
- II - O que essas ações significam para as pessoas envolvidas nelas?
- III - Como as ações que têm lugar em um microcosmo como a sala de aula se relacionam com dimensões de natureza macrossocial em diversos níveis: o sistema local, a cidade, a comunidade nacional?

Apesar de, na época, não dispor de conhecimento teórico sobre o assunto, estava convencida de que era preciso refletir e encontrar uma solução viável. Mas seria possível utilizar o celular como recurso didático, especialmente no Componente Curricular Língua Portuguesa? Estaríamos perdendo uma oportunidade de usar as ferramentas deste dispositivo móvel para realizar um trabalho pedagógico envolvente e significativos para nossas crianças e adolescentes? Enquanto professora da educação básica, propus-me, a partir de então, a ser pesquisadora com o intuito buscar compreender o motivo pelos quais os alunos agiam como sujeitos ativos da ciberculta: escrevendo, interagindo, comentando, usando sem maiores dificuldades textos multissemióticos, em especial nas redes sociais, e na escola, a desmotivação para o estudo os dominava.

A priori, não tinha muita clareza dos caminhos a trilhar, mas assumi o compromisso de observar a utilização que estes faziam de tais artefatos culturais e quais gêneros emergentes, neste contexto, poderiam servir de pretexto para realizar o multiletramento. A convivência seria essencial, visto que o etnógrafo participa por longos períodos de tempo da vida diária da comunidade que está estudando para observar tudo que ali acontece, com o objetivo de desvelar as características da cultura que se tornou objeto de estudo (BORTONI-RICARDO, 2008).

Na atualidade, as pesquisas de natureza qualitativa, com raízes na etnografia, tais como aquelas desenvolvidas em escolas, não são necessariamente desenvolvidas por um período longo de tempo. Neste estudo, a convivência (presencial/virtual), com objetivo de pesquisa e de investigação, deu-se por um período de um ano, aproximadamente, embora continuasse observando de maneira informal.

Mattos (2001), coloca que a etnografia é um processo guiado, principalmente, pelo senso questionador do pesquisador. Desta forma, não há roteiros fixos, pré-determinados, mas em muitos casos o etnógrafo vai alterando e reformulando suas questões a partir do trabalho de campo no contexto da pesquisa. O processo será determinado de forma explícita ou implícita pelas questões colocadas pelo pesquisador, ou seja:

A qualquer momento, se o pesquisador perceber que precisa modificar suas perguntas exploratórias ou obter mais dados em relação a alguma dimensão do problema que está investigando, poderá fazê-lo se lhe for possível retornar ao campo. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 51).

Essa liberdade de alteração de roteiros, de questionamentos foi algo muito importante, já que pude acrescentar algumas novas ferramentas de pesquisa, que de início não havia pensado em empregar. Havia pensado em elaborar apenas um questionário com o objetivo de investigar os usos que os alunos faziam do celular na escola, mas aos poucos fui me dando conta da necessidade de introduzir novas formas de coleta de dados, pois só o questionário não me daria a visão global do fenômeno.

Mas, não buscávamos apenas conhecer, para simplesmente descrever, o nosso interesse era conhecer de forma mais detalhada e construir o conhecimento teórico necessário para tentar superar os desafios que surgem na construção de uma escola democrática, ouvindo os sujeitos nela envolvidos, tendo como objetivo: “Identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade [...] porque explica as razões das coisas.” (GIL, 2008, p. 42).

Para Gil (2008), quando o pesquisador faz parte da rotina de pesquisa, tendo ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo e com os sujeitos nela envolvidos, cria-se uma relação de confiança entre ambos e há a probabilidade dos dados serem mais confiáveis. No entanto, conforme o autor:

o estudo de campo apresenta [...] algumas desvantagens. De modo geral, sua realização requer muito mais tempo que um levantamento. Como na maioria das vezes, os dados são coletados por um único pesquisador, existe o risco de subjetivismo na análise interpretação dos resultados da pesquisa. (GIL 2008, p. 53).

Bortoni-Ricardo (2008) afirma que o pesquisador não é um mero relator passivo de dados, mas é um agente ativo na construção do mundo e do conhecimento. A Pesquisa de natureza qualitativa, tal qual a etnográfica, reconhece que olhar do observador interfere no objeto observado, visto que este possui saberes culturais e é parte do contexto pesquisado. Para Genzük (*apud* FINO, 2015) o trabalho etnográfico é uma experiência personalizada que interliga procedimentos, capacidades individuais e variação de situação. A validade e a riqueza dos significados obtidos dependem diretamente da habilidade, disciplina e do olhar do pesquisador e essa é simultaneamente, sua riqueza e sua fraqueza.

Quando a pesquisa é realizada pelo professor, este assume uma postura de sujeito construtor de teorias, e ao mesmo tempo, e toma consciência de que as experiências que

construímos no interior das escolas são tão significativas quanto aquelas apresentadas por teóricos nas academias.

Esta pesquisa se volta para o microcosmos da sala de aula, onde o problema surgiu. No entanto, não perdemos de vista que esta sala de aula está dentro de uma macroestrutura que é a escola, que, por sua vez, se submete às diretrizes e às políticas de um sistema de educação local e de um sistema nacional de educação. Além disso, as famílias e a cultura da comunidade local também influenciam as relações em sala de aula, nas práticas de letramento ali vivenciadas pelos seus atores. Visto que “para entender os usos e significados dos letramentos [...], precisamos analisar sua relação com a nacionalismo contemporâneo” (STREET, 2014, p. 142).

Como dito anteriormente, a ênfase deste trabalho é conhecer com mais profundidade o campo onde atuo, mas não me atenho apenas à mera descrição das práticas de leitura e de escritas ali desenvolvidas. Os dados levantados servirão como suporte para a elaboração de uma proposta de letramento considerando a realidade que irá ser desvelada a partir desta pesquisa. Proponho-me a adequar o trabalho aos conhecimentos linguísticos dos alunos do campo de estudo, bem como, potencializar a ampliação de tais conhecimentos, possibilitando que atuem de forma crítica e participativa na sociedade contemporânea.

Dessa forma, na segunda fase de nossa pesquisa, passamos a adotar a metodologia da pesquisa-ação, que, segundo Thiollent (*apud* GIL, 2008), é uma pesquisa concebida e realizada para a resolução de um problema coletivo e no qual os participantes assumem uma postura colaborativa ou participativa. Propomo-nos a manter uma relação direta e dialógica com os alunos, de forma horizontal: ninguém assume uma posição privilegiada, todos estão envolvidos na busca da “ampliação do nível de conhecimento dos pesquisadores e do nível de consciência das pessoas e dos grupos considerados na pesquisa.” (BARROS, LEHFELD, 2007 p. 92).

Não pretendemos realizar um trabalho de leitura e de escrita, negando os saberes linguísticos e as experiências com os artefatos culturais a que os alunos têm acesso. Pelo contrário, queremos conhecer e valorizar tais elementos para ressignificar o ensino de língua materna que ocorre na sala de aula. Por tudo isso, é que nos propomos a dividir nossa pesquisa em dois momentos, cada um com uma perspectiva diferente: o primeiro, para conhecer e o segundo, para propor. Pois não se pode esquecer que os letramentos são práticas situadas no tempo e no espaço.

3.2 Coleta de dados

A coleta de dados se deu de maneira distinta em cada uma das etapas. Na primeira delas, houve a aplicação de um questionário de pesquisa (apêndice 1) sobre os usos de celular em sala de aula, observação informal das interações dos alunos nas redes sociais nos grupos do *WhatsApp*¹ e do *Facebook*², assim como de relatos escritos produzidos pelos alunos sobre a proibição do celular em sala de aula (apêndice 2). Além disso, realizei observações informais em sala de aula.

Na segunda etapa, fiz observações informais através de diálogos com os alunos em sala de aula, de publicações expostas nas redes sociais já citadas; salvei alguns textos que me foram enviados através do *WhatsApp*; registrei através de fotos e/ou filmagens as etapas de aplicação do projeto de intervenção, bem como, utilizei um caderno onde ia tomando nota das questões que julgava importante, tal caderno funcionou como um diário de campo. Para Bortoni-Ricardo (2008, p. 47), este diário pode trazer informações das mais simples às mais complexas: “descrições de atividades, reproduções de diálogos, informações sobre gestos, entoações e expressões faciais” dos envolvidos. Tais informações são relevantes para que no final da pesquisa o professor tenha material suficiente e uma noção mais detalhada do trabalho desenvolvido.

De posse dos dados elencados na primeira etapa, fui organizando a proposta de intervenção e ao mesmo tempo levantando os referenciais teóricos que serviriam de parâmetros para o trabalho a ser realizados. Assim, além de todas as ações realizadas, efetuei um levantamento dos referenciais teóricos que abordam os impactos das tecnologias da informação e comunicação no campo da educação e, especialmente, daquelas que incidem no processo de leitura e de escrita na sociedade contemporânea.

¹ *WhatsApp* é um aplicativo que permite a troca de mensagens pelo celular sem pagar por SMS. Como usa o mesmo plano de dados de internet para e-mails e navegação, não há custo para o envio de mensagens e ficar em contato com seus amigos. Além disso, os usuários do *WhatsApp* podem criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudio. Disponível em: https://www.whatsapp.com/?l=pt_br. Acesso em: 06 ago. 2015.

² O *Facebook* é uma rede social que permite a conversa com amigos e o compartilhamento de mensagens, links, vídeos e fotografias. Essa ferramenta foi criada em 2004 pelos americanos Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Chris Hufghes e pelo brasileiro Eduardo Saverin e também permite que você receba as novidades das páginas comerciais das quais gostar, como veículos de comunicação ou empresas. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/como-funciona-facebook-624752.shtml>. Acesso em: 06 ago. 2015.

3.3 Sujeitos e campo da pesquisa

3.3.1 Perfil dos alunos

O público-alvo desta pesquisa foi os alunos de uma turma do 8º ano do ensino fundamental, formada por 35 alunos, da EMEF Professor Durmeval Trigueiro Mendes, localizada no Bairro do Rangel, em João Pessoa. A faixa etária da turma varia entre 13 e 15 anos de idade, sendo que 51, 4 % encontra-se, em relação à idade, na série correta e 48, 6 % encontra-se em distorção série-idade, o que significa que deveriam estar cursando o 9º ano do ensino fundamental. Com relação ao gênero, a turma é formada, majoritariamente, por mulheres, ou seja 54,2 %.

A totalidade dos alunos reside no bairro em que a escola está inserida, são provenientes de família de baixa renda e alta vulnerabilidade social, mais especificamente, 80% deles são assistidos pelo programa de transferência de renda: Bolsa Família do Governo Federal.³

3.3.2 Perfil da professora pesquisadora

Atuo na educação básica desde 1998, através de concurso público nas cidades de Serra da Raiz e Sertãozinho –PB. Na ocasião não havia adquirido a formação para o magistério, mas um erro no edital dos concursos abria possibilidade para atuar como docente com nível médio sem formação pedagógica.

A princípio, fui lotada em duas escolas da zona rural, com turmas de 1ª série e enfrentei o desafio de alfabetizar alunos sem que dispusesse de experiência e de formação pedagógica. As colegas mais experientes foram as minhas orientadoras neste campo, visto que a formação pedagógica viera aos poucos, primeiro em nível médio, através do extinto programa LOGOS II, na cidade de Sertãozinho. Concomitantemente, fui participando das formações continuadas organizadas, sobretudo, pela Secretaria de Educação da referida cidade, e despertei para a importância de um curso em nível superior, de preferência em Pedagogia, mas como só havia aos sábados e privados, optei pelo vestibular na Universidade Estadual da Paraíba (*Campus de Guarabira*), para o curso de Letras, que sem dúvidas, abriu um horizonte de conhecimentos para mim. Iniciei em 2001 e conclui em 2005.

³ Em conformidade com a revista Carta Capital, O Programa Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza do Brasil. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/entenda-como-funciona-o-bolsa-familia-248.html> Acesso em: 03 jul. 2015.

Concomitantemente, tive a oportunidade de ser formadora de professores de um programa oferecido pelo Ministério da Educação, em Parceria com a UFPB e com as prefeituras interessadas, o PROFA, que significou uma ruptura de paradigmas na minha formação de professora alfabetizadora, já que pela primeira vez, ouvia falar em texto como unidade ensino, em Emília Ferreiro, Ana Teberosky, dentre outros estudiosos, que tratavam de alfabetização e letramento. Foi uma experiência valiosa e muito produtiva e, a partir dela, passei a trabalhar como coordenadora pedagógica e supervisora na Secretaria de Educação de Sertãozinho. No entanto, ainda atuava como professora na prefeitura de Serra da Raiz e vivi experiências bastante produtivas trabalhando com salas multisseriadas, Educação de Jovens e Adultos na zona rural, dentre outras.

O interesse pelas tecnologias na educação começou com o programa Tv na Escola e os desafios de hoje, oferecido pela Secretaria de Educação do Município de Sertãozinho, em parceria com o MEC e outras entidades. Posteriormente, surgiu o curso de extensão Mídias na Educação oferecido pela Universidade Federal da Paraíba, na modalidade à distância do qual participei como aluna e aprendi as primeiras noções do trabalho com tecnologias da informação e comunicação digitais. Mas o que representou uma ruptura de paradigmas para minha formação nesta área foi o Curso Introdução à Educação Digital do qual participei como formadora de professores pela UDIME (União dos Dirigentes Municipais da Educação /PB). Aprendi muito e tomei consciência de que não é possível pensar a educação, coerente com os novos tempos, sem inserir as tecnologias da informação e comunicação como recursos didáticos. Ao mesmo tempo, despertei para a necessidade de realizar um trabalho voltado para a educação crítica das crianças e dos adolescentes que estão inseridos neste universo virtual sem muita informação sobre as vantagens e os perigos de estar conectado à rede mundial de computadores.

Mas as perseguições políticas praticadas contra os professores do quadro efetivo das cidades onde trabalhava me impulsionaram a alçar voos mais altos. Em 2009, após aprovação em concurso público, tornei-me professora de Língua Portuguesa das séries finais do fundamental na Prefeitura de João Pessoa, desligando-me da prefeitura de Serra da Raiz. Assim, continuei atuando como coordenadora pedagógica em Sertãozinho, com desvio de função, e como professora de Língua Portuguesa em João Pessoa.

A escola (em João Pessoa) era equipada com um vasto aparato tecnológico: laboratório de informática climatizado, telefone sem fio, câmeras digitais, televisores de última geração, rádio-escola, copiadora etc. E o que os professores faziam com eles? Nada além de realizar trabalhos dentro da perspectiva tradicional. Qual a diferença entre copiar um

texto da lousa ou da tela do computador? Para mim, nenhuma, a prática seria a mesma, mudam apenas os suportes de veiculação do texto. Por muito tempo fui pensando e repensando formas de dinamizar as aulas com aqueles artefatos, mas a correria do cotidiano, as próprias cobranças do sistema por resultados nem sempre qualitativos, acabavam por obrigar a utilizar as tecnologias a serviço de práticas pedagógicas tradicionais, como as, descritas anteriormente.

A partir de 2012, após aprovação em concurso público, desvinculei-me da prefeitura de Sertãozinho e passei a assumir a função de professora do Ensino Médio na rede estadual da Paraíba, na cidade de João Pessoa. Neste período, a experiência de formação mais significativa, sem dúvidas, deu-se através do Mestrado Profissional – PROFLETRAS oferecido pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Nesse novo momento de minha formação pedagógica, as tecnologias voltaram a marcar minha trajetória profissional, desta vez, não era a televisão, ou o computador com acesso à internet, ou a infinidade de artefatos tecnológicos da escola, mas um equipamento multifuncional que cabe na palma da mão e que deixava a escola desorientada: o celular. Sentia-me tão incomodada que me propus a apresentar uma proposta de intervenção voltada para a resolução deste problema na escola como trabalho de conclusão do mestrado.

3.3.3 Descortinando o campo de pesquisa

Nosso trabalho foi desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Durmeval Trigueiro Mendes, situada no Bairro do Rangel, na Capital do Estado da Paraíba. A referida escola funciona nos três turnos: manhã, tarde e noite e atende a novecentos e noventa e seis alunos. No horário matutino, existem 14 turmas formadas por alunos do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental. No vespertino, funcionam 12 turmas do sexto ao nono ano do ensino fundamental. No horário noturno, funcionam 08 turmas que atendem jovens e adultos trabalhadores que não tiveram acesso à escolaridade em nível fundamental na infância e/ou adolescência

Do ponto de vista da estrutura, a escola é uma das melhores do bairro: possui espaços diversificados e equipados, de modo a atender as necessidades de aprendizagem dos alunos: biblioteca com cerca de dez mil (10.000) livros, rádio escola (sem uso), laboratório de informática com cerca de trinta (30) computadores com acesso à internet (sem uso por falta de manutenção da rede elétrica), equipamentos de projeção multimídia, microfone sem fio, filmadoras, câmeras digitais, televisores de Led, laboratório de ciências, sala de Artes, sala de

atendimento para pessoas com deficiência, quadra poliesportiva, cantina ampla, dentre outros espaços.

Seu corpo de funcionários é formado por cento e três (103) pessoas que assumem as funções diversas, a saber: professores, psicólogos, supervisores, assistente social, orientadores educacionais, bibliotecários, técnicos de informática, cuidadores e especialistas da educação especial, merendeiras, vigilantes, porteiros, dentre outros.

Apesar de ter uma excelente infraestrutura e uma equipe pedagógica multidisciplinar, o trabalho pedagógico é marcado por grandes desafios: alto índice de violência na comunidade em que a escola está inserida, inclusive com frequentes casos de homicídios de adolescentes, abusos sexuais contra crianças, abandono, negligência dos pais, aliciamento pelo tráfico de drogas, ou seja, a maioria dos alunos e seus familiares vive em área de alta vulnerabilidade social, em condições de pobreza e de extrema pobreza.

Dentro desse contexto, percebi o grande desafio que estava posto: um trabalho de linguagem que fosse muito mais que mero exercício escolar desprovido de sentido e função social. Era preciso trabalhar a língua de forma viva, dinâmica, contextualizada e, sobretudo, como elemento de inclusão social. Estes alunos precisavam ser ouvidos, respeitados em suas experiências linguísticas, tecnológicas e culturais. Um desafio nada fácil, mas possível para um educador comprometido com a formação de cidadãos da cultura letrada.

3.3.4 Proposta de intervenção: Projeto de Letramento

O trabalho pedagógico por projeto justifica-se pela necessidade de organizar situações de ensino-aprendizagem significativas para os alunos. Diante disso, um projeto pode ser motivado por inúmeras necessidades: solucionar um problema, responder questionamentos sobre dado assunto, aprofundar uma temática, dentre outras. Partindo sempre de um problema real na vida de professores e alunos; pode não ser uma resposta definitiva nem infalível para os problemas da educação, mas permite ao professor refletir sobre sua prática. (HERNANDEZ; VENTURA, 1998, p. 70).

No nosso caso, o projeto intitulado Internet Responsável teve como tema central as chamadas regras de netiqueta para as redes sociais, já que havia observado que muitos adolescentes não compreendiam o alcance e a dimensão de suas postagens nas referidas redes. Muitos deles expunham suas intimidades, bem como a de terceiros, de forma exacerbada como se aquela exposição não oferecesse risco a si próprios ou aos outros. Ouvia relatos dos

alunos sobre fotos íntimas de meninos e/ou meninas que eram divulgadas sem que a vítima tivesse qualquer controle sobre a informação de si que estava sendo publicada.

Dentro desse contexto, decidi, enquanto professora, tomar o uso ético das redes sociais como temática central para o desenvolvimento desse projeto. A ideia era envolver os alunos em atividades de leitura e sobretudo de produção de textos, culminando com uma campanha na escola e nas redes sociais sobre o tema.

Dentro da pedagogia de projetos professores e alunos assumem posições horizontais. O que caberia a cada um deles? Os primeiros são mediadores do processo: definem a linha de pesquisa, preveem conteúdos, atividades e fontes de pesquisa, pesquisa previamente e ampliam seus conhecimentos sobre o tema em estudo, envolvem os alunos, selecionam recursos, ou seja, orquestram o processo de ensino-aprendizagem. Já os segundos também assumem uma postura ativa: elaboram roteiros, pesquisam dados, analisam, sistematizam e apresentam resultados. À vista disso, os projetos geram elevado grau de autoconsciência dos alunos com respeito a sua própria aprendizagem.

Neste trabalho, a definição do tema coube a mim: regras de netiqueta, conforme dito anteriormente. Movida sobretudo pelo desejo de envolver os alunos em atividades de leitura e de produção de textos plurissemióticos dentro de uma situação real de uso da linguagem, tendo o celular como recurso didático. Que situação seria esta? As interações nas redes sociais, sobretudo discutindo que “as postagens”, ou seja, as nossas interações nestes espaços podem gerar sentimentos e reações positivas, como também, gerar consequências devastadoras na vida das pessoas. Não pensei em trabalhar um gênero textual em si, mas colocar em ação vários gêneros do discurso a respeito do tema, para que os alunos pudessem aprofundar seus conhecimentos.

Como nosso projeto era voltado para o ensino da leitura e da escrita na escola, considere o que diz Tinoco (2013) sobre os projetos de letramento, visto que, para ela, os referidos projetos nascem de uma necessidade real de comunicação de professores e de alunos, ou seja, de uma prática social de uso da linguagem e culminam da mesma forma: numa prática social de uso da linguagem.

A culminância do projeto seria a realização de uma campanha de conscientização sobre a importância do respeito às regras de netiqueta na internet. A ação mobilizaria toda a escola, através de palestras e das redes sociais, onde os alunos usariam seus perfis e seus murais para as postagens dos cartazes virtuais produzidos ao longo do trabalho.

Mais uma vez nos valemos de Tinoco (2013), ao asseverar que é imprescindível aos professores e aos alunos terem a compreensão de que:

- ✓ Ao estudar as estruturas sintáticas e morfológicas da Língua Portuguesa, com todas as suas classificações e prescrições, ninguém usa de forma proficiente a leitura, a escrita e a oralidade, e eu acrescentaria, uma série de linguagens trazidos pela cibercultura ao longo de sua vida.
- ✓ Os textos selecionados devem ter circulação real fora da sala de aula e servirão de subsídio para atividades significativas e não necessariamente para atividades burocráticas, desprovida de função social, com atividades didatizadas.
- ✓ A leitura transcende a decodificação de signos linguísticos e a escrita não está restrita a cópia de textos desprovidos de sentido;
- ✓ Toda produção de texto deve se dar dentro de necessidade de interação entre os sujeitos.

Assim, os projetos ressignificam a compreensão de que é ler e escrever na escola, possibilitando que os alunos vivenciem situações ricas de aprendizagem de forma prazerosa, dinâmica e, acima de tudo significativa, rompendo com um ensino burocratizante em que os alunos são chamados, e por que não dizer “forçados” a realizar atividade de leitura e de escrita que servem apenas para serem lidas e corrigidas pelos professores sem qualquer função social. No projeto de letramento a leitura, a escrita, a reescrita estão a favor de um objetivo maior de comunicação, no nosso caso estava voltado para a conscientização das pessoas sobre a importância das regras de netiqueta.

Recursos didáticos utilizados

- ✓ Hipertexto sobre regras de netiqueta
- ✓ Projetor multimídia
- ✓ Celular com aplicativos de educação de foto e/ou vídeo
- ✓ Acesso à internet
- ✓ Redes sociais
- ✓ Cartolinas
- ✓ Lápis Diversos
- ✓ Imagens impressas
- ✓ Tecido para faixa
- ✓ Tinta para grafiteagem

Procedimentos Metodológicos

Aula 1: Leitura e análise de hipertexto

Antes de entrarmos na leitura do hipertexto para aprofundar o assunto, levantei dois questionamentos para serem discutidos pela turma:

- Vocês acreditam que seja importante a existência de regras de convivência para o uso das redes sociais? Por quê?
- Alguém já ouviu falar em regras de netiqueta⁴?

Acolhi as contribuições da turma e não lhes ofereci resposta pronta. Para aprofundar o assunto, falei-lhes que iríamos realizar uma leitura compartilhada de uma lista de regras de netiqueta. Mas antes de projetar no *Datashow* o hipertexto a ser lido pela turma, perguntei-lhes se sabiam o que era uma lista. Todos, sem exceção, afirmaram conhecer o gênero em questão e citaram inúmeros exemplos de listas relacionados ao seu cotidiano.

Depois, disse que a lista que iríamos ler era sobre netiqueta. Posteriormente, usando o projetor multimídia, acessei o link: <http://www.netiquetese.com/>. Desta forma apresentei para eles a *home page* abaixo a fiz algumas indagações, a saber:



FIGURA 01 - *Homepage* do site usado para pesquisa sobre netiqueta
Fonte: <http://www.netiquetese.com/>

- Pela *homepage* dá para saber o que é netiqueta?
- Em que imagem devo clicar para entender do que se trata?

⁴ As regras, aqui trabalhadas, tratam de posturas éticas e respeitadas que os indivíduos devem assumir nas interações nas redes sociais. Mesmo não sendo regras obrigatórias, elas se constituem como caminhos para uma boa convivência nas redes sociais. Tal conceito está baseado na definição de netiqueta disponível no endereço: < <http://www.netiquetese.com/>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

Tiveram bastante facilidade em identificar o local que lhes traria a resposta sobre o conceito de netiqueta. Assim, ao clicar no local indicado por eles, apareceu a segunda página com seguinte informação:



FIGURA 02 - Página que apresenta o conceito de netiqueta

Fonte: <http://www.netiquetese.com/>

Assim, solicitei que um aluno da sala realizasse a leitura em voz alta do texto e que depois explicasse, se era possível compreender, o conceito de netiqueta. Ao final, a turma colaborou e chegou a conclusão de que tratava-se de boas maneiras ou bons modos nas redes sociais. Aproveitei para enfatizar que da mesma maneira que existem regras de boa convivência na escola, na igreja, na família, também existe nas redes sociais. Por que não?

Afinal, assim como as pessoas podem se encontrar na praça do bairro para conversar, brincar, conhecer pessoas ou mesmo brigar, o mesmo pode ocorrer nas redes sociais. A diferença é que a praça do bairro encontra-se em um lugar fixo, com um número restrito de pessoas, e na internet não, ela chega a qualquer pessoa, de qualquer lugar do mundo, que tenha acesso à internet, por isso se cada um quiser ter uma boa convivência na sociedade virtual é importante conhecer e disseminar as chamadas regras de netiqueta.

Esta fala foi relevante para apresentar à turma a proposta de realização do projeto didático sobre o uso responsável da internet⁵, visto que, seria através dele que os alunos teriam a oportunidade de conhecer, refletir e disseminar estas regras para outras pessoas, já que estava previsto, nas ações do projeto, uma campanha de conscientização na escola e nas redes sociais sobre as regras de netiqueta.

⁵ Usamos o termo internet, mas nos referimos, especificamente, às redes sociais, pois para uma ampla maioria da turma, o emprego de um termo pelo o outro é bastante usual.

Dando prosseguimento, solicitei que, além do texto que continha a primeira regra de netiqueta, observassem os elementos imagéticos de modo a construir os sentidos. Perguntei-lhes se concordavam com a regra lida e se alguma vez já se sentiram constrangidos com marcações feitas por terceiros em redes sociais.

Os depoimentos foram emergindo da turma e evidenciavam a pertinência do tema em estudo. Um dos depoimentos mais impactantes foi o de uma aluna que fora marcada no *Facebook* em uma fotografia que trazia o seu pai assassinado com requintes de crueldades. Ela não havia autorizado aquela publicação e não desejava que sua dor fosse exibida como algo banal. No entanto, alguém o fizera, sem refletir sobre as consequências de seus atos.

Neste sentido, é que seria importante disseminar essas regras. Mas para isso precisávamos ler mais, pesquisar sobre o assunto. Além de serem apresentados ao tema, estavam envolvidos, sem perceber, em uma atividade de leitura que fazia sentido para eles. Não era apenas um texto, letra sem sentido. Aquelas regras tinham relação direta com suas vidas, não estávamos lendo apenas para decodificar um texto. Aquela leitura ampliava seus horizontes no sentido de compreender que respeito e educação são valores primordiais em todos os espaços, inclusive, na sociedade virtual.

Prosseguindo, segui a mesma metodologia com as demais regras que iriam ser lidas e debatidas: clicava na regra, realizava a leitura compartilhada e ia discutindo com eles os sentidos suscitados por cada uma delas.

Aula 2: Produção de texto colaborativo

Ao final, solicitei que anotassem em seus cadernos quais regras, dentre aquelas apresentadas, consideravam mais importantes para uma boa convivência nas redes sociais e quais as pessoas deveriam conhecer. Após um debate, construímos uma lista com 8 regras, a saber:

- a. pedir permissão antes de realizar marcações em fotos;
- b. marcar as pessoas sempre de forma positiva;
- c. pensar bem, antes de postar críticas, zombarias etc.;
- d. não se sentir constrangido por não aceitar convites de amizade, de jogos de eventos;
- e. não postar fotos ou vídeos sem a autorização das pessoas que aparecem neles;
- f. não publicar informações que foram enviadas de forma privada;
- g. não escrever tudo em letras maiúsculas;

h. não desrespeitar as pessoas em redes sociais.

Posteriormente, perguntei-lhes se gostariam de acrescentar alguma regra que não fora contemplada na lista anterior e a turma foi apresentando uma série de ações constrangedoras que mereceriam uma regra de netiqueta. A saber:

QUADRO 01

Situações constrangedoras e regras de netiqueta correspondentes

Situação constrangedora	Regra de netiqueta
Receber excessivamente convites para jogar. Como regra geral todos se sentiam profundamente irritados.	Evite enviar muitos convites de jogos, isso pode irritar quem recebe.
Uso do nome de Jesus ou apelar para ganhar <i>likes</i> . Consideravam uma transgressão da tradição Cristã que preconiza: “não usarás o nome de Deus em vão”	Não use o nome de Jesus, ou faça apelos para ganhar <i>likes</i> . Ninguém é obrigado a curtir suas publicações.
Marcar crianças e adolescentes em <i>links</i> pornográficos. Na leitura deles, o problema é que seus responsáveis poderiam ver tais conteúdos em suas linhas de tempo e acreditarem que eles estariam usando a internet com fins ilícitos, proibindo-os de usar a internet.	Não marque as pessoas em <i>links</i> pornográficos, pois isso pode ser constrangedor para a pessoa marcada.
Solicitar amizade ou aceitar solicitação de desconhecidos. Muitos apresentam a consciência de que não é possível saber a índole das pessoas que “estão do outro lado”	Não envie e nem aceite convites de pessoas que você não conhece, isso pode ser perigoso.
Criar <i>fakes</i> para denegrir a imagem das pessoas. Relataram histórias de vítimas de <i>fakes</i> que foram expostas na mídia como garotas de programa.	Não crie <i>fakes</i> com objetivo de denegrir a imagem das pessoas. Isso é crime.
Postar fotos íntimas e pessoais. Uma prática bem comum entre eles. Apesar de serem menores muitos recebem fotos íntimas de meninas e meninos e as compartilham para os colegas.	Cuidado ao postar fotos íntimas e pessoais, pois alguém pode usá-las para lhe prejudicar.
Brigar nas redes sociais. Algo bastante comum entre eles, tanto nos <i>chats</i> quando no <i>Facebook</i> . Chegam ao extremo de marcar encontros para brigar.	Não use redes sociais para brigar. Resolva seus problemas pessoalmente.

Fonte: Primária

Aula 3: Produção de texto multimidiático

Nesta aula, retomamos a ideia de fazer um trabalho de conscientização na escola e nas redes sociais acerca das regras de netiqueta. A proposta seria realizar palestras para outras turmas da escola sobre o assunto, mas, ao invés de utilizarmos materiais prontos de sites ou fontes diversas, os próprios alunos iriam produzir o material didático a ser utilizado na referida palestra. Assim, a lista produzida na aula anterior serviria como texto-base para a produção de um vídeo informativo sobre as regras de netiqueta.

Para que esta ação pudesse acontecer, dividi a turma em grupos de trabalho, visto que, nem todos os alunos da turma dispunham de celular com os aplicativos necessários, perfil nas redes sociais, acesso à internet ou apresentavam domínio das ferramentas dos aplicativos para produção do vídeo. Ao trabalharem em equipe poderiam compartilhar experiências e aprenderem uns com os outros de forma colaborativa.

Posteriormente, definimos, coletivamente, que semioses e recursos deveriam ser usadas para tornar o vídeo interessante. Não levei nenhum manual de orientações ou material similar pronto. Construimos juntos quais seriam os procedimentos a serem adotados na produção do material citado. A ideia era aproveitar os letramentos dos alunos, já que faz parte das práticas de uso das redes sociais a produção e disseminação de uma infinidade de materiais audiovisuais. O que seria novo para todos neste processo seria o fato da escola acolher estas experiências e usá-las a favor da aprendizagem dos alunos.

Para tanto, solicitei que compartilhassem com a turma as suas vivências no tocante à produção e edição de vídeos no celular, fui anotando os relatos e transformando as experiências deles em uma espécie de manual para a produção dos vídeos sobre as regras de netiqueta. Assim, ao final, tínhamos as seguintes orientações:

1. Leia o texto e reflita que imagens têm relação com a mensagem verbal, depois realize uma pesquisa no *google* e, assim que encontrar a imagem relacionada ao texto, dê um “*print*” e salve-a na galeria do celular;
2. Depois deve-se editar a foto, ou seja, cortar, inserir o texto, escolher cor para o fundo, efeitos diversos: uma cor adequada ao texto e salvar na galeria; Repetir o processo em

todas as imagens que serão usadas no vídeo (Use o *photogrid*⁶ ou outro aplicativo neste processo)

3. Após todas as imagens ficarem prontas, acesse o aplicativo desejado – no nosso caso, o *photogrid* - e escolha a opção “produzir vídeo de fotos”. Em seguida, selecione as fotos na sequência desejada, escolha a velocidade da transição, e insira uma música que será tocada, enquanto o vídeo roda.

Todavia, apesar de ter formado os grupos de forma heterogênea, em pelo menos um deles, a totalidade dos membros não tinha acesso à rede mundial de computadores em suas casas, por razões econômicas e sociais. A solução encontrada seria vir à escola em horário oposto e usar o *wifi*. Para que isso ocorresse seria necessário autorização da direção, visto que, a senha de acesso à internet sem fio é privativa à funcionários do laboratório de informática, direção, supervisão e coordenação pedagógica. A princípio, houve um certo receio da gestão em democratizar a referida senha, sob a alegação de que os alunos poderiam fazer uso do *wifi* de forma inadequada. Mesmo assim, não houve impedimentos e os alunos foram autorizados a utilizar.

Dessa forma, o trabalho fora encaminhado com os alunos, mas senti a necessidade de também conhecer alguns aplicativos. Como conduzir o processo de aprendizagem sem ter noção das ferramentas usadas? Não era possível conhecer de forma aprofundada, mas era importante ter noção das possíveis dificuldades que os alunos poderiam encontrar ao tentarem usar as referidas ferramentas. Para tanto, baixei alguns aplicativos em meu celular, naveguei e testei as ferramentas.

Dentre os aplicativos indicados pela turma e testados por mim, interesse-me por aqueles mais citados pelos alunos mais experientes: o *Photogrid* e o *Videoshow*⁷, ambos são de fácil manuseio, e trazem possibilidades de criação de vídeos diversos e com bastante qualidade. O primeiro, permite a edição de imagens e a produção de vídeos, mas não possibilita reedição; e o segundo, possibilita a criação, a edição e a reedição de fotos, de vídeos produzidos a partir de fotos, bem como de vídeos que mesclam falas, imagens, sons,

⁶ O *Photo Grid* é um aplicativo especialmente desenvolvido para celulares *Android* que possibilita a edição, montagem de painéis fotográficos, vídeos com uso de imagens, textos, músicas etc. Dentro de uma interface amigável.

⁷ Segundo o site *Androidpit* o aplicativo *Videoshow* conta com mais de 30 milhões de usuários no mundo, tendo sido considerado pela *Google* como o melhor editor de vídeos para *Android*, possibilitando a criação e edição de fotos e vídeos com qualidade através de ferramentas simples. Estas informações estão disponíveis em: < <http://www.androidpit.com.br/app/com.xvideostudio.videoeditorpro>>. Acesso em: 22 maio 2015.

movimentos etc. Comparando com *softwares* de computadores, o *photgrid* apresenta funções semelhantes ao *Power Point* e o *VídeoShow* ao editor de *Vídeo Movie Maker*.

Depois de alguns dias, as produções dos alunos começaram a ser publicadas no grupo do *WhatsApp* da turma, e observei que muitos delas apresentavam sérios problemas: letras desfocadas, embaçadas, imagens que não se relacionavam com os textos, a velocidade em que os vídeos foram programados não oferecia possibilidade de leitura.

O que fazer para que os alunos pudessem aproveitar seus vídeos e, ao mesmo tempo, reeditá-los? A conclusão a que cheguei foi que era necessário refazê-los, assim como a produção de um texto, em linguagem verbal, necessita de sucessivas reescritas para que atenda a um determinado objetivo de comunicação, também seria com os vídeos, afinal, eram textos. A diferença é que não haviam sido produzidos no caderno, usando o lápis. As ferramentas estavam no ambiente virtual, não tinham uma forma física. A opção metodológica foi, mais uma vez, ouvir a opinião deles para compreender de que forma aqueles vídeos poderiam ser melhorados.

Evitei tecer críticas, acerca das produções, no grupo virtual. Acolhi e valorizei a todas. Esse processo de produção de vídeos usando aplicativos de celular com finalidades pedagógicas era inovador, seria preciso oferecer estímulos e condições para que pudessem ampliar seus conhecimentos. O que ficava evidente é que, apesar de usarem vídeos em suas interações nas redes sociais e de terem conhecimento dos aplicativos, a situação de produção, o contexto de circulação, os interlocutores e os objetivos dos vídeos era totalmente novos e, portanto, demandava conhecimentos novos.

Aula 4: Refletindo e analisando as primeiras produções

A aula seguinte ao recebimento dos vídeos foi o momento de propiciar uma reflexão e análise crítica das produções da turma. Como estavam divididos em grupos de 4 pessoas, tínhamos 7 produções. Usei o projetor multimídia da escola para exibir os vídeos e fui realizando pausas em pontos específicos para que pudéssemos ver o que estava bom e o que seria necessário melhorar.

A princípio, pensei em manter sigilo quanto a autoria, mas descartei a hipótese, já que as produções haviam sido postadas no grupo do *WhatsApp* da turma. É mister salientar que constrangimento não foi o sentimento manifestado na oficina, pelo contrário, reagiram de forma positiva. Um ou outro aluno, demonstrou descontentamento, não pela crítica, mas pela

necessidade de reeditar os vídeos, sob a alegação de que era trabalhoso e demorado. Mas encorajei-os: “Gente, lembrem que este vídeo será usado na palestra. Não vale o sacrifício?”

Estava claro para mim, enquanto parceira experiente, que, da mesma forma, como aprenderam de forma gradual a dominar as ferramentas tecnológicas tradicionais, como segurar uma caneta na mão, usá-la para escrever, respeitar as margens das folhas, separar as ideias em parágrafos, respeitando as convenções de escrever no caderno, era necessário também dominar as novas ferramentas de escrita, usando as limitações e possibilidades de um aplicativo de celular para a produção de texto.

O foco desta aula era despertar o olhar crítico sobre suas produções, conforme já fora dito. Assim, ao projetar os vídeos no *Datashow*, fui apresentando à turma os trabalhos produzidos e pausando em partes específicas para que pudéssemos discutir. Escolhi aqueles que apresentavam maiores problemas e solicitei que os mesmos avaliassem a qualidade das produções a partir dos seguintes eixos:

1. legibilidade dos textos apresentados;
2. harmonia entre as diferentes linguagens: imagens, texto verbal e som;
3. relação entre a velocidade da exibição do vídeo e a possibilidade de leitura.

Dessa forma, fui indagando que problemas estes, percebiam nos vídeos produzidos. As questões mais recorrentes apontadas por eles produções foram:

a) imagem desfocada, texto ilegível. Algumas imagens não possibilitavam a leitura, conforme se pode vislumbrar na figura a seguir:

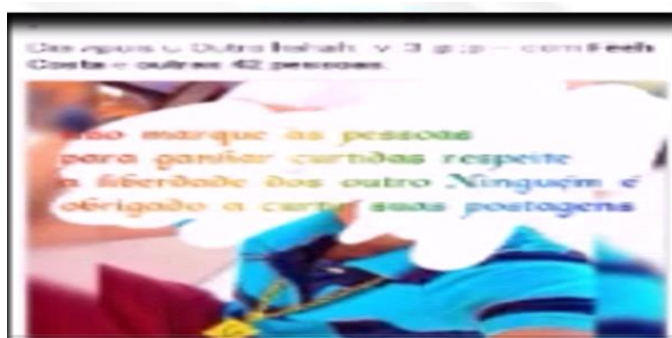


FIGURA 03 - Parte de vídeo com imagem desfocada
Fonte: Primária

- b) imagens sem conexão com assunto do vídeo, colocadas de forma aleatória, apenas para preencher espaço. Ao que tudo indica, o aluno apenas inseriu a imagem sem refletir qual seria a função desempenhada pela mesma para a construção dos sentidos do texto.
- c) contraste inadequado entre a cor da fonte e a imagem que acabavam dificultando a leitura.
- d) excesso de informação visual, conforme podemos ver abaixo:



FIGURA 04 - Tamanho da fonte inadequado para o aplicativo
Fonte: Primária

Além das inadequações aqui colocadas, ainda observaram que havia vídeos que apresentavam textos de muita qualidade, no entanto, a velocidade em que foram configurados não possibilitava a sua leitura, sem esquecer das críticas quanto à transgressão de normas básicas de ortografia, de concordância. O que chamou atenção, neste aspecto, é que não havia direcionado o olhar deles para questões de ortografia, nem de concordância, mas não deixaram passar as transgressões, motivados pela ideia de que era importante respeitar a ortografia oficial e a norma culta, visto que, os vídeos seriam exibidos na escola, ainda que não soubessem com certeza e exatidão a forma correta, questionavam. É o caso da grafia de “netqueta”, “usàlas”, “permissão” “curte” em vez de curtir, dentre outros.

Além disso, a escolha da pauta sonora também foi alvo de críticas por parte deles. “A música de fundo não deveria ter letra, senão dificulta a leitura”, o uso de músicas românticas, mais amenas, de modo geral, recebia muitas críticas, do tipo “aff, é o enterro é? Tira isso boy”. Ao final, o que ficou decidido com relação à música, foi a opção pela utilização só do instrumental de preferência funks, *suingueira*, *tecno*.

O clima que prevaleceu nesta aula foi descontração e aprendizagem. Para possibilitar esta relação, tive o cuidado de organizar os turnos de falas, de modo a dar vez e voz a todos e

ênfatizar a necessidade de manter um clima de respeito e de cordialidade entre eles, afinal, estavam tecendo críticas e apontando falhas nas produções, o que não significava ofensas pessoais.

Para finalizar, coloquei em discussão qual aplicativo poderia ser usado para a reedição dos vídeos, tomando por base os seguintes critérios: diversidade de ferramentas e facilidade no manuseio destas. Isto porque, alguns alunos eram iniciantes na utilização destas tecnologias, seria importante fecharmos um aplicativo que servisse de suporte para a turma.

Após muitas discussões e análises das vantagens e das desvantagens dos aplicativos, a turma indicou o *Photogrid* para a necessidade de editar ou de refazer os vídeos a partir de fotos apenas, e o *Vídeo Show* para reeditar as produções, meclar vídeo de imagens, com vídeos falados etc. Para os iniciantes, seria o primeiro aplicativo, para os mais experientes o segundo, ou poderiam usar os dois. Evidentemente, que neste momento também opinei, pois na minha experiência (inicial) com aplicativos, havia me identificado com estes, e inclusive dei dicas de como manusear, compartilhei minha experiência com eles. Foi um momento de troca de saberes.

Para encerrar, ficou acertado que os alunos deveriam baixar estes aplicativos em seus celulares e, na próxima aula, deveriam trazer o celular para a escola, pois agora a reedição dos vídeos iria acontecer na sala de aula. Seria um momento ímpar: os alunos mais experientes iriam dar dicas àqueles que ainda apresentassem dúvidas.

Aula 5: Reedição colaborativa

Para que conseguíssemos atingir o objetivo desta aula: iniciar a reedição dos vídeos, usando o celular em sala de aula, precisei comunicar e solicitar autorização à direção, com antecedência, e assumir a responsabilidade da ação, caso houvesse problemas de indisciplina pelo uso do celular, já que o trabalho ia de encontro com a norma de proibição na escola. Além de comunicar à direção, conversei com a turma sobre a problemática e solicitei o apoio deles para que tudo ocorresse como estava programando. A cumplicidade e confiança era algo primordial para mim e para eles.

No dia combinado, tudo ocorreu conforme o esperado: o celular fora usado como dispositivo de aprendizagem, de troca de experiências, de aprendizagens colaborativas e não houve registro de problemas relacionados à indisciplina. A inspetora ao presenciar um aluno na porta da sala com o dispositivo móvel, reclamou, e não dera credibilidade ao argumento

trazido pelo aluno “estamos tendo aula de celular”. De fato, era o que estava acontecendo: uma aula, mas não nos moldes tradicionais em que o professor repassa conteúdos para os alunos para que estes recebam as informações. Não. Nesta aula diferente, a professora organizou os grupos, lembrou qual seria o objetivo de uso do celular, para evitar dispersões ou usos não produtivos e abriu caminho para que os alunos aprendessem uns com outros.

Para que esta interação fosse produtiva, tive o cuidado de inserir em cada grupo um aluno ou aluna com maior conhecimento e experiência com a produção e edição de vídeo. Assim, divididos em pequenos grupos, os alunos mais experientes, puderam orientar e dar dicas de edição de fotos, de inserção de sons, de imagens e de edição dos textos, etc. para os alunos iniciantes e mesmo os experientes estavam aprendendo com seus pares o tempo todo com seus pares.

O que saltava aos olhos era a facilidade com que assimilavam os conhecimentos, bastava um direcionamento dos colegas, e em questão de minutos, a alteração estava pronta e com muita qualidade. Na cena abaixo os alunos trocam experiências:



FIGURA 05 - Aluno dando dicas de produção e edição de vídeo no *photogrid*
Fonte: Primária

O resultado foi muito protagonismo estudantil e trabalho colaborativo. A professora assumia o processo, coordenando o trabalho, observando a qualidade das interações, sugerindo, observando e, sobretudo, respeitando e valorizando o saber dos nativos digitais, canalizando para habilidades de produção de textos multimidiáticos.



FIGURA 06 - Professora observando as orientações dos alunos a seus colegas
Fonte: Primária

Vale salientar, que a proposta dessa oficina, não era finalizar as produções em sala de aula, até porque não haveria possibilidade fazê-lo em 90 minutos, mas de oferecer condições para que os alunos trocassem experiências. Ao final, vez estabeleci um novo prazo para as devidas reedições e solicitei que postassem no grupo do *WhatsApp* da turma.

Uma semana depois, os resultados começaram a aparecer. Era evidente a melhoria na qualidade das produções videográficas: imagem nítida, harmonia entre a cor, o tamanho da fonte, o cuidado com a velocidade de transição das imagens, dentre outros aspectos. Em algumas delas, o grupo reinventou o vídeo, inserido novas imagens, nova roupagem aos textos, nova música e até testaram outros aplicativos. Vejamos a amostra abaixo, coletada através de um *print* em um dos vídeos:



FIGURA 07 - Textos melhorados após análise e oficina de edição realizado na sala de aula
Fonte: Primária

Quando recebi todos, comecei a analisar qual deles apresentava mais qualidade para que pudesse ser usado como recurso nas palestras no Dia da Internet Responsável, para tanto, considerei os seguintes eixos:

1. legibilidade dos textos apresentados;
2. harmonia entre as diferentes linguagens: imagens, texto verbal e som;
3. velocidade da exibição e da possibilidade de leitura;
4. relação entre as ferramentas dos aplicativos de edição e de produção de vídeos com o resultado final das produções;
5. respeito às convenções básicas da ortografia e da gramática, como emprego das letras, concordância verbal e acentuação.

Planejamento de ações para o dia da Internet Responsável

Agora, que estávamos com o material didático central para a realização das palestras na escola, era hora de refletir sobre os caminhos para a divulgação da ação. A questão era decidir com eles que outros textos deveriam ser produzidos para a mobilização na escola e nas redes sociais. Esta discussão foi iniciada no grupo do *WhatsApp* e terminou em sala de aula. A turma apontou para as seguintes ações:

- criar um slogan e produzir cartazes com ele;
- preparar cartazes (virtuais e de cartolina) sobre o assunto que seria abordado na palestra;
- grafitar uma faixa para chamar atenção da comunidade escolar;
- grafitar o muro com o slogan da campanha para marcar esta data;

O planejamento das atividades e a divisão de tarefas era muito importante. Dessa forma, dividi as atividades por grupos de trabalho, de acordo com características pessoais, bem como o grau de experiência e familiaridade com o gênero textual a ser produzido. Desta forma, os alunos “mais falantes” seriam os palestrantes no dia da mobilização, os mais experientes no manuseio das tecnologias seriam responsáveis pela produção e pela orientação no tocante à produção dos gêneros virtuais, e assim por diante. Não busquei o que lhes faltava, mas orquestrar os seus saberes e suas experiências e ao mesmo tempo, possibilitar que pudessem aprender uns com os outros. Em alguns momentos intervia, mas o fazia sempre depois de ouvi-los.

Algumas produções ocorreram em sala de aula, outras ocorreram extraclasse, conforme poderemos ver adiante. De forma geral, em uma semana de trabalho colaborativo todo o material foi preparado.

a. A produção do cartaz com *slogan* da campanha

Apresentei uma proposta de slogan e solicitei, através do grupo de *Whatsapp*, a avaliação e sugestões da turma. Após discussões e análises, os alunos aprovaram o seguinte slogan: “educação e respeito são importantes em qualquer lugar, inclusive na *Net*”. Esta frase seria a base para a produção de cartaz virtual.

Para esta produção não defini um grupo específico, todos da turma tiveram oportunidade de usar suas habilidades. O único critério era a criatividade.

Dentre os trabalhos enviados, o cartaz abaixo foi o escolhido, pela qualidade e por sua singularidade. A harmonia entre os elementos verbais e não verbais deram-lhe vida. A criatividade eram próprias de um verdadeiro *design* gráfico, a diferença é que não fora usado nenhum *software* sofisticado, apenas o aplicativo do celular *photogrid*.



FIGURA 08 - Cartaz virtual com o *slogan* da campanha

Fonte: Pimária

Este cartaz foi usado como capa do *Facebook* dos alunos no dia da internet responsável. Além disso, mandei confeccionar camisas com o referido cartaz para os alunos

palestrantes. O que estava em jogo nesta escolha era valorização dos saberes linguísticos e culturais dos alunos, sobretudo dando-lhes oportunidade para mostrarem o seu potencial.

b. A produção de cartaz usando cartolina

Os cartazes de cartolina foram produzidos por um grupo de alunos que era mais reservado, no tocante ao comportamento, e ao mesmo tempo possuía intimidade com a cartolina, lápis, papel e cola, ou seja, com o manuseio de recursos tecnológicos tradicionais. Usaram os seus talentos natos para a produção do referido gênero.

Para esta houvesse espaço para essa produção, partimos da premissa de que muitos alunos e/ou alguns membros da comunidade escolar em geral, não estava conectado na sociedade virtual. Assim, estariam contemplados na ação. Houve a escolha de transitar sempre pelo mundo físico e virtual, pela diversificação dos materiais, dos suportes de modo a atender a diversidade de públicos.

No processo de produção desse gênero textual, sentei com o grupo responsável e fui levantando os conhecimentos prévios que possuía, no tocante aos elementos composicionais. Como já apresentavam familiaridade com o gênero, não houve necessidade de maiores orientações.

A produção final do cartaz se deu em sala de aula, usando como material, cartolinas, recortes de revistas, cola, dentre outros fornecidos pela escola. Os alunos deveriam escrever uma dica de netiqueta para cada cartolina. Em média foram produzidos 15 cartazes.

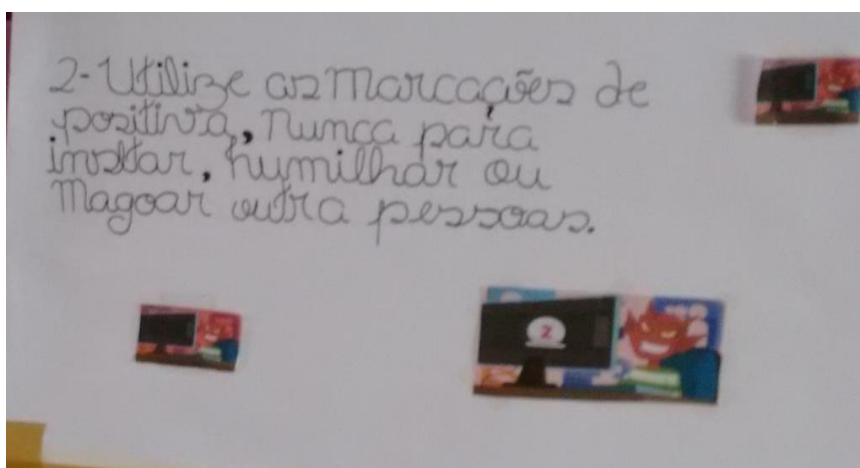


FIGURA 09 - Cartaz produzido com regra de netiqueta
Fonte: Arquivo Pessoal

c. A produção dos cartazes virtuais

Concomitantemente, outro grupo assumiu o processo de produção do cartaz virtual. A ideia era que os alunos produzissem o material que seria usado na campanha das redes sociais. Poderíamos fotografar os cartazes de cartolina e postar, mas resolvemos usar as ferramentas de edição de foto do celular. Esta atividade foi realizada em sala de aula, de maneira colaborativa. O processo se tornou mais simples e sem maiores dificuldades, pois a experiência com a produção do vídeo acabou facilitando.

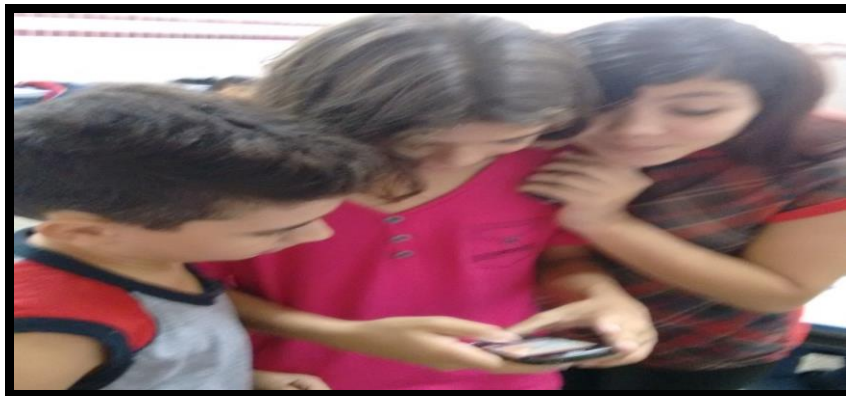


FIGURA 10 - Alunos produzindo o cartaz de forma colaborativa
Fonte: Primária

Um aspecto que me chamou atenção, nesse momento, foi a excelente qualidade dos cartazes virtuais produzidos, tanto no tocante ao texto verbal, quanto imagético, e sobretudo, a relação harmoniosa entre as semioeses. O que era prova incontestante que a experiência que adquiriram ao longo do processo ajudou na consolidação dos conhecimentos no tocante a produção de textos multissemióticos. O cuidado com as convenções da escrita, como iniciais de frases com letras maiúsculas, acentuação etc. também se fez presente e melhorava paulatinamente.



FIGURA 11 - Amostra de cartaz virtual
Fonte: Primária

d. Confecção de faixa

O terceiro grupo era restrito, pois uma minoria de alunos apresenta domínio das técnicas de grafiteagem. Esta linguagem era mais que simples texto, era uma arte, nem todos “têm veia artística.” Quem faz grafite goza de prestígio na comunidade. Mas para que não ficasse uma ação de um aluno só, resolvi montar uma equipe para dar sugestões “a artista” que era livre para acatar ou não. Fiz questão de apoiar de perto todo processo de produção, inclusive indo à escola no contra-turno para acompanhá-la no dia em que produziu o trabalho, bem como a equipe que estava com ela.



FIGURA 12 - Aluna grafitando a faixa
Fonte: Primária

e. Grafiteagem no muro da escola: chamando atenção para o dia da mobilização

A mesma aluna grafitou o muro. A alegria era nítida: um brilho no olhar, um sorriso à meia boca de uma menina que, a partir daquela produção de texto, ou daquela arte, estava assinando seu nome e saindo do anonimato. Estaria reescrevendo a sua própria trajetória escolar. Não seria mais a menina indisciplinada, desmotivada da escola, mas a artista talentosa que, através daquele trabalho, mudara radicalmente sua postura em sala de aula. Tornou-se uma das melhores e mais interessadas de sua turma. Foi sem dúvidas um divisor de águas. A escola, até então, era estranha, excludente, exigia que ela negasse sua cultura para acolher a cultura dominante dos grupos hegemônicos, mas agora, acolhia sua cultura, sua linguagem e isso foi fundamental na sua nova postura enquanto aluna.



FIGURA 13 - Aluna grafitando o muro
Fonte: Primária

f. Preparação da palestra: discutindo estratégias de apresentação do assunto

Este grupo era formado majoritariamente por alunos que apresentavam facilidade de comunicação, que nas interações em sala de aula, apresentavam um certo destaque, tinha capacidade de liderança, de convencimento. Inclusive, havia entre eles aqueles que tinham tanta vontade de interagir e de se expressar que eram rotulados pelos professores como indisciplinados. Não levei em consideração o que lhes faltava, mas o potencial comunicativo que apresentavam e apenas chamei-lhes atenção para a responsabilidade que estariam assumindo: disseminar as regras de netiqueta para os colegas. Seria preciso, dentre outras, coisas responsabilidade e domínio de conteúdo.

Para tanto, o primeiro passo foi conversar com o grupo sobre a importância de se prepararem para a palestra. Sugeri que lessem o texto-base produzido por eles em sala de aula e que haviam tomado nota nas primeiras oficinas sobre o tema e que era importante que ilustrassem cada regra com exemplos do cotidiano. Quanto mais oferecessem informações, melhor e mais significativa seria a palestra.

Assim o fizeram: encontraram-se no turno matutino, já que estudavam à tarde, para planejar as falas de cada membro na palestra. Fiz questão de participar deste encontro, afinal era a parceira experiente. Senti a necessidade de orientá-los não apenas quanto ao conteúdo, mas sugerindo formas de como envolver os alunos nas palestras. Falei da importância de serem espontâneos, de manterem uma interação com a plateia, fazendo perguntas relacionadas ao tema, e ouvindo as respostas de forma respeitosa e acolhedora. Além disso, ouvi suas

inquietações e dúvidas. Um dos elementos mais positivos foi a segurança emocional do grupo. Não estavam inseguros, receiosos, pelo contrário, uma aluna disse-me “deixe com a gente, prof, gosto de falar mulher. A gente vai arrasar”.



FIGURA 14 - Equipe preparando-se para a palestra
Fonte: Primária

Todo esse processo de planejamento e confecção do material de divulgação durou cerca de uma semana. Concomitantemente ao trabalho dos alunos, incumbi-me da tarefa de apresentar à equipe técnico-pedagógica o nosso planejamento e solicitar apoio para a articulação das turmas e dos respectivos professores que seriam envolvidos na ação da escola.

g. A culminância do projeto: dia 03 de junho, o dia da internet responsável

No alvorecer do dia 03 de junho de 2015, atingimos o nosso ponto mais alto do projeto: a campanha nas redes sociais e na escola. Assim, com o uso do *hashtag* *#DiaDaInternetResponsável* os alunos disseminaram sobretudo no *Facebook*, os cartazes virtuais com dicas de netiqueta. Além disso, a capa de seus perfis no *facebook* e no *WhatsApp* receberam o cartaz com o slogan da campanha. Foi um processo de educação coletiva. A imagem abaixo é representativa da campanha das redes sociais:



FIGURA 15 - Perfil de aluna com slogan da campanha

Fonte: Primária

Fiz questão de contribuir com a campanha nas Redes Sociais, atualizando minha capa, curtindo e comentando as publicações dos alunos. Outros sujeitos ligados à escola também participaram ativamente, a saber: diretores, funcionários, professores. Afinal, a campanha era uma ação da escola e não fazia sentido que não apoiassem.

Enquanto isso na escola, também estávamos em clima de campanha. Antes que a palestra tivesse início, cuidamos de organizar o espaço com a colagem dos cartazes de cartolinas, com a fixação da faixa grafitada em lugar próprio com o objetivo de chamar atenção da comunidade escolar acerca do trabalho desenvolvido naquele dia. Além disso, confeccionamos camisas para os palestrantes e a professora, para dar um destaque aos sujeitos protagonistas dessa ação. O trabalho de ornamentação da escola ficou sob a responsabilidade dos alunos ministrantes da palestra e de alguns funcionários que se dispuseram a colaborar.



FIGURA 16 - Funcionários da escola afixando a faixa

Fonte: Primária

Tivemos o cuidado de selecionar alunos para também participarem do processo de ornamentação da escola, além disso, o laboratório de informática foi preparado para receber as turmas que iriam participar da palestra. O técnico de informática do horário matutino se

responsabilizou pela organização do referido espaço. Mas a sua contribuição terminou ali. Uma aluna da turma cuidaria do manuseio do projetor multimídia e da exibição do vídeo que necessitava de pausas em pontos específicos. Outra aluna assumiu o papel de registrar os momentos com a câmera do celular.

Os protagonistas estavam ansiosos, mas confiantes. A todo momento repetiam que iam “arrasar” ou seja, dar o melhor de si, fazer o melhor. Antes de iniciar a palestra, lembrei-lhes algumas posturas importantes: a necessidade de adequar o vocabulário à idade dos alunos, interagir com o público, ouvir os comentários, responder perguntas caso surjam dúvidas, valorizar as participações dos alunos na palestra, acrescentar informações à fala do colega apresentador, caso percebessem que este se perdera ou deixara brechas no conteúdo apresentado. Depois de tudo pronto, sentei-me na última cadeira da sala, apenas observando e cuidando para que tudo transcorresse bem.



FIGURA 17 - Aluna Controlando a exibição do vídeo e outra registrando o momento com o celular

Fonte: Primária

O momento era de silenciar e dar voz aos alunos, para que assumissem o protagonismo da ação. Tinham diante de si o desafio de envolver na palestra um grupo, significativamente, grande de alunos, cerca de trinta e cinco (35), por turma, com cinco (05) públicos diferenciados: crianças, adolescentes, jovens, e adultos (incluindo idosos). Não se tratava apenas de apresentar o domínio de conteúdo, era necessário adequação vocabular, trabalho colaborativo, desenvoltura, segurança emocional e disposição para enfrentar três turnos de palestras. No entanto, em momento algum duvidei do potencial deles e fazia questão de externar minha confiança.

O grupo estava ansioso, o que era absolutamente normal, já que a situação era nova para todos e sabiam que seriam avaliados pelos alunos e pelos professores que por ali

passassem, mas depois do contato com a primeira turma já era visível que a timidez passou longe deles, como já era esperado.

As primeiras turmas da escola a participar da palestra foram as de 5º ano do Ensino Fundamental no horário matutino. Os professores destas turmas demonstraram muito encantamento pela postura dos palestrantes e ao mesmo tempo, falaram da importância do tema para as crianças e adolescentes. Não tivemos casos de indisciplina ou de desinteresse dos alunos sobre o assunto. Pelo contrário. O clima era de atenção e muita concentração na palestra ministrada.



FIGURA 18 - Aluna palestrando - 5º ano A – manhã
Fonte: Primária

À tarde, foi a vez das seguintes turmas: 6º A, 6º B, 7º B, 9º A e B. Um pouco antes de iniciar a ação no horário citado, a turma demonstrava um certo receio já que estariam ministrando a palestra para outro público, com uma faixa etária mais avançada, naturalmente poderiam receber críticas. Mas, em momento algum, no transcorrer da palestra demonstraram timidez ou deram qualquer sinal de insegurança. Além de expor o assunto de forma muito clara, faziam questão de interagir diretamente com os alunos e até mesmo com os professores ali presentes. O clima era de aprendizagem e muita descontração, a ponto da palestra se transformar no evento mais importante daquela tarde na escola.

Muitos professores que não tiveram a oportunidade de participar na palestra com suas turmas lamentaram profundamente e falaram comigo pessoalmente sobre a possibilidade de realizar uma segunda etapa incluindo quem ficou de fora. A exclusão de algumas turmas se deu pelo fato de não existir possibilidade de atender em 6 horários de uma tarde, 11 turmas existentes na escola. Além disso, não havia um espaço na escola que pudesse receber um

número maior que trinta e cinco (35) alunos. De qualquer forma, contemplamos todas as séries do 5º ao 9º ano.

No horário noturno, as turmas que participaram da palestra foram apenas duas: uma do Ciclo II e outra do Ciclo III da Educação de Jovens e adultos⁸, as referidas turmas equivalem, respectivamente, aos 6º e 7º anos e 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e são formadas por alunos com mais de 15 anos de idade que não tiveram oportunidade de terminar o ensino fundamental na idade certa. Apesar dos palestrantes apresentarem um certo cansaço pela maratona do dia, estavam dispostos e mais uma vez a palestra ocorreu com muita seriedade e leveza. Demonstraram bastante maturidade ao falarem para as senhoras da terceira idade sobre o tema, tendo a preocupação de explicarem minuciosamente o que eram as redes sociais, fazendo uma ponte com experiências do cotidiano daquelas senhoras e em muitos momentos os trataram como “avós”. Não seriam tão estranhas assim; eram pessoas da comunidade.

Mas o público era bastante heterogêneo e também era composto por adolescentes e adultos e os palestrantes souberam, com muita maestria, usar essa diversidade como elemento favorável à compreensão do tema em estudo. Em muitos momentos solicitavam que os jovens dessem depoimentos de suas vivências a respeito do assunto. O saldo final deste encontro de gerações, foi uma riqueza de aprendizagem para todos.

Mais uma vez as pessoas ali presentes ficaram encantadas com a metodologia da palestra, com a importância do tema abordado e sobretudo com o talento do grupo. Meninos e meninas de apenas 13/14 anos ensinando aos jovens e adultos como usar de forma ética as redes sociais. E não poderia ser diferente, já que são os chamados nativos digitais que nasceram a partir da chegada das tecnologias digitais que se apropriam com mais facilidade das ferramentas dos ciberespaços.

⁸ Essa sigla refere-se à Educação de Jovens e Adultos, tal modalidade está organizada em ciclos de aprendizagem, o Ciclo II equivale ao 6º e 7º anos do Ensino Fundamental e O Ciclo IV corresponde ao 8º e 9º da modalidade de ensino já citadas.



FIGURA 19 - Alunos da EJA⁹ atentos à palestra

Fonte: Primária

É mister salientar, que um dos aspectos que mais favoreceu a palestra foi a segurança e a versatilidade dos alunos para apresentar e discutir de forma dinâmica a temática. Foi uma ação para ficar na história da escola. E representou um divisor de águas na vida daqueles adolescentes, tanto os alunos convidados, quanto dos palestrantes que tiveram, dentre outras questões, a oportunidade de refletir criticamente sobre os usos das redes sociais e desenvolver outras inúmeras habilidades.

De modo geral, pecerbi o quanto é importante para eles e suas famílias que se destacassem de forma positiva na escola. Querem muito ser populares, ganhar curtidas e se tornar *Pop Jampa*¹⁰ como dizem por lá. Além disso, serviu para mostrar que é possível ler e escrever de forma proficiente utilizando aplicativos disponíveis nas tecnologias móveis, valorizando o repertório linguístico e cultural dos alunos. Encerro esta descrição metodológica com o depoimento de uma aluna e de uma mãe, respectivamente, postados na linha do tempo do meu *Facebook*, acerca do Dia da Internet Responsável:

Foi um trabalho muito lindo. Agradeço a Deus por ele ter colocado essa professora maravilhosa no meu caminho Clécia de Vasconcelos. É muito gratificante ver os alunos interessados!!! Que venha mais #DiaDaInternetResponsável (T. S.)

Tenho muito orgulho da minha filha. E parabéns pelo seu trabalho. (M. C.)

⁹ A sigla EJA diz respeito a Educação de Jovens e adultos, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96) esta modalidade ensino está voltada para os jovens e adultos que não tiveram acesso à educação escolar na idade certa.

¹⁰ Diz-se Pop Jampa, segundo os adolescentes, a pessoa que mora em João Pessoa – PB e recebe mais de cem curtidas em suas publicações no *Facebook*, Ou seja, *Pop* vem da palavra *Popular* e *Jampa*, de *João Pessoa*.

Após a realização da ação de conscientização na escola e nas redes sociais, surgiu a necessidade de criar um espaço para que o projeto Internet Responsável se mantivesse vivo. Duas alunas (palestrantes) trouxeram a ideia de criar uma página no *Facebook*, dando as pessoas a possibilidade de ter acesso às informações através desta página. Não havia pensando nisso antes, mas um projeto é flexível e aberto a alterações. Por que não? Assim o fiz, criei a página Internet Responsável, disponibilizei os cartazes virtuais produzidos e os vídeos. Enviei os convites para curtidas e solicitei que os alunos e alunas também o fizessem.

Desta forma, a página nasceu como suporte para a veiculação de materiais sobre a temática abordada. A ideia é dar prosseguimento à ação, através de novos trabalhos.



FIGURA 20 - Homepage da página Internet Responsável
Fonte: <https://www.facebook.com/pages/InternetRespons%C3%A1vel/1611813825768865?ref=hl>.

4 RESULTADOS DA PESQUISA E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 Primeira etapa da pesquisa – o estudo etnográfico

Resultado 1: As leis de proibição do uso de celular na escola não impedem o uso

O levantamento aponta que 74, 2 % dos alunos trazem o celular para escola e fazem uso em sala de aula, mesmo estando cientes da proibição. Estes colocam que têm a expressa autorização de seus responsáveis para que possam trazê-lo. Tal resultado indica a ineficácia da lei de proibição, e, ao mesmo tempo, aponta a necessidade da escola rever os caminhos pelo quais têm tentado resolver a questão. Além disso, qualquer ação que possa ser adotada, em âmbito escolar, deve levar em consideração que os pais ou responsáveis são contrários à proibição, visto que, ao autorizarem os seus filhos a levarem e fazerem uso dos dispositivos móveis na escola, estão compactuando com a transgressão da norma e apontando para a necessidade de revisão da lei de proibição.

Tal resultado corrobora com a ideia de alguns estudiosos contemporâneos que defendem que a escola, ao invés de proibir, deva investigar o potencial pedagógico de tais artefatos e compreendam, que as tecnologias móveis, longe de causar prejuízos, podem ampliar e enriquecer oportunidades educacionais, promover aumento do alcance e a igualdade na educação, facilitar a aprendizagem individualizada, oferecer retorno e aprendizagens imediatos, permitir aprendizagens ubíquas, dentre outras vantagens (UNESCO, 2013).

Para Moran (2012), a questão transcende o campo pedagógico e assume uma dimensão política, visto que, o uso do celular ou outras tecnologias móveis como ferramenta de ensino-aprendizagem só poderá ocorrer, se as instituições superarem o paradigma de educação em que o professor é o centro, para um modelo em que haja uma aprendizagem mais participativa e integrada, mesclando atividades presenciais e à distância, estreitando vínculos pessoais e afetivos, convivendo também virtualmente. A sala de aula não poderá ser vista como o único espaço de aprendizagem, nem se pode negar o potencial pedagógico das tecnologias digitais a que os alunos têm acesso.

A escola necessita ser mais democrática, acolhedora para incorporar de forma eficaz as novas tecnologias da informação e comunicação, sobretudo os dispositivos móveis. Ao que tudo indica, esse uso de forma arbitrária dos celulares é indicativo de que as mudanças são imperiosas na metodologia e nos instrumentos de ensino aprendizagem usados tradicionalmente nas escolas.

Resultado 2: Acessar redes sociais e ouvir músicas são as principais razões para o uso do celular em sala de aula

Para que saibamos quais são as motivações para o uso do celular em sala de aula de aula, observemos o gráfico abaixo:

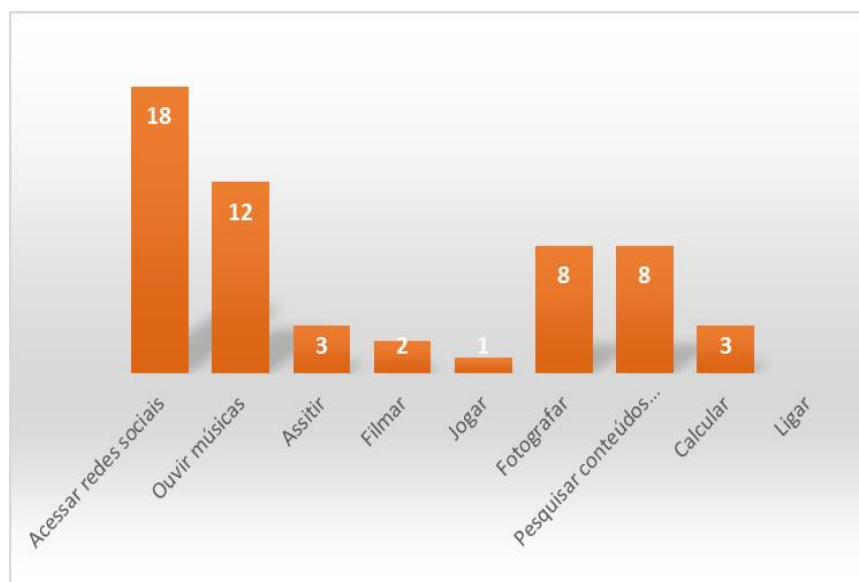


Gráfico 01 - Objetivos de uso do celular em sala de aula
Fonte: Primária

Como se pode ver, o uso das redes sociais aparece como sendo a maior motivação, perdendo apenas para a escuta de músicas. Em termos percentuais, a quantidade de alunos que afirma usar o celular para navegar nas referidas redes representa 51,4%. No entanto, vale salientar que parte considerável dos alunos, utiliza, tal dispositivo, para outros fins como, assistir vídeos, ouvir músicas, filmar, jogar, fotografar, calcular e até mesmo fazer ligações, como se pode ver no gráfico.

Uma informação que nos ajuda a compreender esse comportamento, seria o conhecimento de esta geração é filha da cultura digital e, como tal, usa redes sociais diversas para publicar suas ideias, opiniões, sentimentos, muito diferente de seus pais que usavam um diário guardado a sete chaves, trancado para que ninguém pudesse ler. Tal geração deseja conectar-se, comunicar-se com o mundo, e as redes sociais são a porta de entrada (PRENSK *apud* PESCADOR, 2012). O que esta pesquisa aponta é que a necessidade de socialização virtual se sobrepõe aos objetivos didáticos e gera repercussões negativas em suas aprendizagens.

O que estaria faltando à escola seria a compreensão de que estes meios de comunicação apresentam um potencial de ensino-aprendizagem, e servem de suporte para práticas de letramento que estão sendo negadas pela escola, a favor de práticas de leitura e de escrita elitizadas, ligadas a grupos hegemônicos da sociedade, mas que pouco significam para os alunos. A linguagem que ali emerge, bem como as práticas de leitura e escrita podem e devem ser usadas para o desenvolvimento de um trabalho de linguagem na perspectiva dos multiletramentos, ou seja, do respeito à diversidade linguística e cultura, e, consequentemente, da inclusão social.

Resultado 3: Os alunos reconhecem que usar o celular na sala de aula divide a atenção entre o mundo virtual e o conteúdo programático trabalhado na aula

Os relatos abaixo deixam claro que os alunos reconhecem que usar as redes sociais durante as aulas faz com que sua atenção esteja dividida entre o foco da aula e a sua necessidade de estar o tempo conectado nas redes sociais, mas isso não impede o uso, pelo contrário.

A minha opinião, eu acho que mais prejudica que ajuda. Porque perdemos a concentração, ficamos olhando o *whatsaap*, o *facebook* e isso prejudica muito. Muitas vezes reprovamos por causa disso, perdemos os celulares. Eu apoio a aprovação dessa lei, ela chegou na hora exata, mas tem gente que ainda traz o celular (tipo eu) (AE).

É ruim, porque tem as redes sociais e às vezes a pessoa não tem internet e aproveita o *wifi* da escola. As meninas também se deixam levar pela vontade tirar foto, ficar no *whats*, os meninos também e eu acho isso errado (W.S.)

Estes dados revelam um indivíduo dividido. Por um lado, encontra-se no mundo físico da sala de aula, com os colegas, com o professor e com os recursos didáticos, como o caderno, o lápis, o livro e todas as práticas de leitura e escrita ali propostas. Por outro lado, este derrama-se no mundo virtual, como se fosse uma praça no meio do nada, onde é possível encontrar pessoas, se comunicar, falar, ouvir, interagir de forma livre em tempo real.

Para Santaella (2007), o uso do celular e a necessidade de estar conectado o tempo inteiro propicia a sensação de onipresença. A demarcação dos limites entre estar presente e estar ausente se esvai. O indivíduo pode se encontrar fisicamente em um determinado lugar, mas manter um vínculo mental com o mundo do interlocutor com o qual interage, usando o

celular, dando a sensação de estar em dois lugares ao mesmo tempo como ocorre com os alunos.

Além disso, mistura-se também a noção entre estar sozinho/acompanhado. O indivíduo está em sala de aula, rodeado de pessoas, mas escolhe acessar as redes sociais, projetando-se em um mundo solitário, individual, do qual apenas ele, dentre os seus colegas de sala, participa. No entanto, esta solidão é aparente, já que nas redes sociais ele está sempre ao lado de uma multidão.

Resultado 4: O celular pode ser usado como recurso didático na sala de aula

Contudo, há um segundo grupo de alunos desta pesquisa que se posiciona contra a proibição e aponta formas de utilização pedagógica deste artefato tecnológico.

Na minha opinião, o celular é sim, importante para a escola, até porque no celular os alunos podem pesquisar, filmar coisas de interesse da matéria, tirar foto também, compartilhar coisas. O celular na escola tem várias utilidades. Eu acho que as escolas deviam liberar o celular, mas só pras coisas boas, do interesse dos professores, se liberar o celular vai ser ótimo, vai ter um lugar para pesquisar coisas do assunto. Eu acho o celular importante por isso. (R.S. A)

Eu acho que o celular não deveria ser proibido, porque tem pessoas que usam só no intervalo, nas aulas vagas, ou para pesquisar alguma coisa sobre o assunto que está sendo explicado em sala de aula. Na escola tem *wifi* porque tem gente que não tem *wifi* para pesquisar em casa. (T.B.)

Para estes, é possível usar o celular como recurso didático na sala de aula e apontam inclusive as suas potencialidades pedagógicas. O primeiro deles estaria relacionado à pesquisa de conteúdos das disciplinas, embora o aluno não faça menção explícita à internet, subentende-se que este aluno usa o celular para fazer pesquisas na internet.

Na amostra abaixo, é perceptível a criticidade desses sujeitos em relação à maneira como o celular poderia ajudar no processo de aprendizagem em diferentes disciplinas, como História, Português, Geografia e até mesmo educação física. Vejamos o fragmento a seguir:

Eu acho que o celular pode ajudar em várias coisas: em Matemática a gente pode usar a calculadora para responder mais rápido, e em Português e em inglês podemos usar o dicionário. Em História, podemos fazer uma pesquisa sobre histórias dos livros, em Geografia podemos pesquisar os mapas geográficos, em Educação física, para os treinamentos práticos de ginástica, esportes, luta, dança, e atletismo, Ensino Religioso, para estudar os mandamentos da lei de Jesus e para um trabalho e em outros feitos [...] até

que é bom para uso dos professores na sala deles, porque eles só não sabem usar maiúscula. (D.S.L)

Observemos que esta posição revela o quanto os educandos têm clareza das ferramentas disponíveis no telemóveis, e, ao mesmo tempo, a relação destes com as várias áreas do conhecimento. Enquanto os adultos conservadores brigam por manter os alunos bem longe dos celulares ou similares, porque creem que atrapalha a aprendizagem, os alunos estão ensinando como inserir, de forma produtiva, esta tecnologia em nossas salas de aula. Afinal, são eles os nativos digitais, que aprendem uma infinidade de coisas através destas tecnologias móveis. Sujeitos da cibercultura e da era da mobilidade, usam o celular em todos os lugares para resolver uma infinidade, quando chegam à escola, precisam ficar quietos, calados, usando apenas os recursos de aprendizagem sacralizados na escola, de preferência o livro didático.

Neste caso, a proibição perpassa por um viés político-pedagógico, conforme já fora dito. A escola escolhe os instrumentos tecnológicos que possibilitam manter a ordem social vigente. Se na sala de aula, os alunos serão passivos, silenciados por atos legais que desconsideram todas as evidências de que o celular e outros dispositivos móveis, podem ser ferramentas de aprendizagem, assim, a escola prepara a sua clientela para exercer na sociedade um papel de submissão a quem caberá apenas, a obediência e a subserviência aos grupos hegemônicos da sociedade.

É interessante perceber que implícito a esta sugestão de uso, aparece a marca nos chamados nativos digitais, para quem a internet é a primeira fonte de consulta. Para Prensk (*apud* PESCADOR, 2012), esta geração está habituada a usar as mídias digitais, desde que nasceram e recorrem a elas, quando necessitam de uma informação, muito antes de pensar em buscar em livros ou fontes impressas, pois têm domínio da tecnologia digital.

Mas há uma outra questão que emerge na fala destes alunos. A desigualdade no acesso à rede mundial de computadores. Possuir um celular, não é a única condição para que o aluno possa estar conectado à cibercultura. É necessário dispor de condições financeiras para pagar uma assinatura de internet. Quando o aluno coloca “tem gente que não tem *wi-fi* pra pesquisar em casa”, ele está afirmando que o sinal *wi-fi* da escola é para ser usado por eles para potencializar as suas aprendizagens. Afinal, esta internet sem fio é custeada com dinheiro público. É deles. Se a escola liberasse o seu uso com fins pedagógicos, nada mais estaria fazendo do que sua obrigação.

Vale salientar que ainda que a referida senha seja objeto proibido, os alunos conseguem desvendá-la, usando diversos artifícios, inclusive, aplicativos de celular para este

fim. É o que observei de maneira informal. Diante disso, urge mais uma vez a necessidade da escola agir de forma democrática e discutir com os alunos e a comunidade escolar o melhor caminho para resolver as questões aqui expostas.

Resultado 6: Os textos usados nas interações nas redes sociais são, majoritariamente, pluri-semióticos

Sem dúvidas, as redes sociais, em especial o *Facebook* e o *WhatsApp* são canais através dos quais as pessoas, independentemente de classe social, localização geográfica, nível de escolaridade, idade etc. se comunicam. Toda essa pluralidade de culturas, é representada através da linguagem, ou de uma infinidade delas.

Esta foi a constatação a que cheguei a partir da observação realizada nos grupos do *WhatsApp* do qual participei como pesquisadora. De modo geral, os textos eram multimodais, ou pluri-semióticos. Uma simples saudação era realizada através de um apelo multissensorial por agregar texto verbal, imagem, dentre outros arranjos. Nesse contexto, Os *emoticons* são recursos usados com muita frequência, e muito além de expressar sentimentos, são usados como elementos da própria tessitura do texto e criam efeitos de sentidos diversos.

Vejamos exemplos, retirados do grupo “Uz’Desmanatelado...”

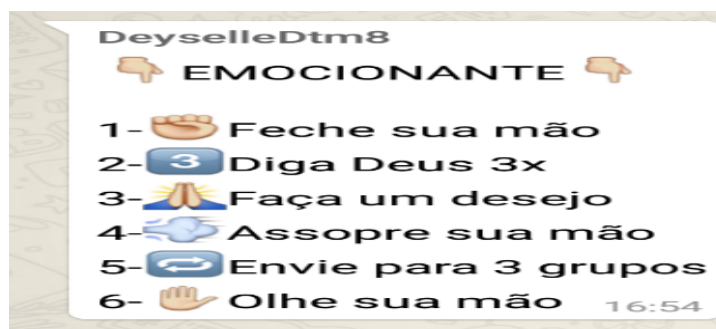


FIGURA 21 - Amostra de texto com *emoticons*
Fonte: primária

É evidente que o canal em análise propicia a difusão, produção, e reinvenção da leitura e produção de textos e consequentemente da comunicação. Um bom dia, tão comum em nosso cotidiano, conforme já dito, transforma-se num texto impactante quando se agregam diversas linguagens. Vejamos:



FIGURA 22 - Saudação multimodal
Fonte: Primária

O que se pode perceber é que neste contexto, não basta apenas usar os elementos linguísticos na comunicação, torna-se importante usar outras linguagens. Desta forma, os textos são construídos usando uma mistura de semioses, possibilitando uma leitura para além da cognição. Entra em jogo o apelo ao emocional do interlocutor, pois além das diversas linguagens usadas, as pessoas passam a ter uma convivência mais afetiva, visto que mantem um vínculo físico na sala de aula e outro, virtual através das redes sociais.

Fazendo um hiperlink com a teoria, retomamos aqui Dionísio (2011) para quem a chegada dos computadores e o acesso à internet propiciaram o surgimento de uma infinidade de ferramentas de manipulação gráfica dos textos, com a possibilidade de inserção de imagens, movimento, som etc. Segundo Vasconcelos e Dionísio (2011, p. 44) “a produção de gêneros digitais oferece um leque maior de possibilidades [...] para a construção de materiais, para a criação de uma situação de aprendizagem, visando sempre a construção de conhecimentos”. Mas será que a escola está preparada para isso? Rojo (2012) reconhece que nossos alunos precisam ser preparados para inserir imagens, diagramas na composição de seus textos, além disso, para a utilização de recursos mais sofisticados como a imagem, o som, dentre tantas outras linguagens emergentes nas interações em contextos digitais.

Um outro elemento observado nestes grupos e que me chamou bastante a atenção era a falta de uma formação crítica quanto ao conteúdo dos textos compartilhados, pude observar muito conteúdo inadequado para um grupo de adolescentes, como imagens ou vídeos com cenas forte de violência ou apelo a sensualidade, excesso de exposição de suas intimidades, troca de ofensas e o mais preocupante (através de relatos confidenciais dos alunos) fui sabedora de que meninas e meninos estavam tirando fotos íntimas, compartilhando com pessoas em quem confiavam, e estas pessoas disseminavam as fotos para toda a escola gerando uma série de constrangimento às vítimas. E o mais grave era perceber a forma banal como este fenômeno estava sendo vista pelos adolescentes.

Assim, além de perceber os gêneros, a diversidade linguística e cultural inerente a estas interações, percebi a necessidade de realizar um trabalho de formação linguística que os ajudasse assumir a cidadania no ciberespaço, a desenvolver um olhar crítico sobre os textos que ali circulavam. Não poderia me negar de assumir o papel de professora e de agente de transformação social. Tinha claro que era preciso orientar aquelas crianças sobre o respeito e a responsabilidade no uso das redes sociais. Não se tratava de passar-lhes lições moralizantes, mas de levar-lhes a compreender que cada texto - imagético ou não possuem informações que podem ser construtivas ou ofensivas e que por isso mesmo, não se pode escrever ou publicar algo nas redes sociais de forma inconsequente. Assim, o uso responsável da internet, em especial da internet serviu como pretexto para a realização de atividades voltadas a leitura e a escrita tendo em vista a formação do cidadão da cibercultura.

Neste sentido, as orientações de Rojo (2009) são valiosas, pois segundo ela, os caminhos da educação linguística na contemporaneidade perpassam pela valorização de todas as formas de letramento; pelo desenvolvimento das habilidades dos alunos no que concerne aos textos multissemióticos que mesclam: imagem, som, etc. e pela consideração dos letramentos críticos e protagonistas necessários para o tratamento ético dos discursos.

Diante disso, a análise aqui descrita, aponta que as redes sociais são espaços em que há uma democracia e diversidade muito grande de gêneros, de linguagens e de culturas. Em que convivem de forma complementar os gêneros da cultura oral, do escrito, dos meios de comunicação de massa e da cultura digital e ao mesmo tempo exigem a formação de um sujeito crítico para compreender que não há postagens neutras, que a linguagem é um poderoso instrumento de comunicação e ao mesmo tempo se usada de forma inadequada pode trazer consequências devastadoras para a vida das pessoas.

4.2 Segunda parte – a pesquisa-ação

Resultado 1: A inauguração de uma nova mentalidade em torno do uso celular na escola

O fato de nosso projeto culminar com uma ação de mobilização dos três segmentos da escola possibilitou que alunos e professores voltassem seus olhares tanto para a temática da utilização da internet de forma responsável, quanto para a reflexão em torno do uso do celular na sala de aula como ferramenta didática. O trabalho era prova incontestável de que esta seria uma opção possível. A qualidade da produção audiovisual, bem como, dos cartazes virtuais só se tornou possível graças aos aplicativos disponíveis nos dispositivos móveis. Não se

tratava de produções de profissionais em *design* gráfico, ou de pessoas que dominassem as técnicas sofisticadas de edição de vídeo e áudio disponíveis em computadores, ou tecnologias de ponta, mas de um aluno nativo digital para quem aquelas ferramentas de edição lhes eram tão familiares que resultaram em trabalhos de alta qualidade.

O domínio apresentado não era apenas relativo ao uso das tecnologias móveis de informação e comunicação, mas também transitaram com muita segurança pelos domínios da oralidade, da escrita e das questões éticas relativas ao uso da internet. Neste trabalho, os alunos deram aula, literalmente, aos professores, que pasmados diante de suas posturas, rederam-se à necessidade urgente de repensar os processos e métodos de ensino desenvolvidos na escola.

Uma professora de quinto ano desabafou: “Poxa que lindo esse trabalho. Também tenho vontade de usar o celular nas minhas aulas, sabe? Usar a calculadora, por exemplo, mas não uso, porque não quero entrar em atrito com a direção.” O professor de Língua Portuguesa dos sextos anos, procurou-me para falar de uma experiência de poesias com a utilização de aplicativos e da possibilidade fazermos um trabalho de parceria. Outro professor, o de Educação física, estava abrindo aos alunos a possibilidade de apresentarem seus trabalhos usando ferramentas do celular.

Indiscutivelmente, este trabalho abriu uma porta para a discussão e análise dessa proibição. Não dava mais para ir de encontro aquilo que se tornou óbvio: é preciso abrir o debate e analisar de forma crítica o potencial de aprendizagem trazido pelas tecnologias móveis. O que não seria prudente seria a manutenção desta pedagogia do fingimento, do faz-de-conta, com que tem sido tratada a questão na escola. A comunidade escolar entende que proibição é ineficaz, já que os alunos usam de forma indevida, escondido, enquanto o professor vira às costas. Todavia, é mais cômodo manter as coisas como estão, na filosofia do “manda quem pode, obedece quem tem juízo”. Pois, antes de ser uma questão pedagógica, é uma opção política que traz repercussões para todos, e como estamos numa sociedade injusta, vivendo relações de poder no interior da escola, todos tendem a silenciar frente a autoridade da gestão escolar, que por sua vez, cede às leis do sistema de educação e assim sucessivamente. O problema é que quem perde mais são os alunos, já que deixariam de ampliar seus conhecimentos a partir de um olhar críticos sobre suas ferramentas de socialização.

Resultado 2: Grupo de *WhatsApp* como ferramenta para aprendizagens ubíquas

O grupo foi um canal muito importante para que a turma não perdesse o foco, mesmo quando não estava em sala de aula. Tornou possível que trocássemos informações, sempre que havia necessidade, ou quando surgiam dúvidas, sem que estivéssemos em sala de aula ou em um determinado horário. Na verdade pude ir orientando à distância os trabalhos em tempo real. Aquele espaço funcionou, em muitos momentos, como uma sala de aula suspensa, sem parede, nem contato físico, como complemento da sala de aula física.

Sem dúvida, este resultado corrobora com a posição de Lévy (1999), ao mencionar que a criação da rede mundial de computadores traz à escola a necessidade de enxergar que hoje é possível aprender em espaços físicos e virtuais. Esta é uma tendência irreversível da educação na contemporaneidade. A escola não perde a importância, mas deixa de ser o único espaço em que é possível aprender. Assim, é possível iniciar uma discussão em sala de aula e aprofundar à distância, ou iniciar uma discussão à distância e aprofundar na sala de aula. Aproveitando o melhor do físico e do virtual.

A aprendizagem é sempre mais significativa, na medida em que acolhemos e problematizamos as experiências e os conhecimentos prévios dos alunos, tanto do ponto de vista linguístico quanto cultural. Se o adolescente se comunica através das redes sociais, por que não aproveitar esta vivência a favor da ampliação de seus conhecimentos? Para que servem as aulas de Língua Portuguesa, senão para ajudar os alunos a se comunicarem de forma efetiva, participando de situações ricas e diversas de uso da linguagem? Basta dar uma revisada na evolução do termo letramento, para compreendermos que as exigências dos tipos de conhecimento em linguagem que os alunos devem aprender na escola, tem a ver com as exigências postas pela sociedade de cada época.

Lemos (2007) é enfático ao colocar que esta geração vive grudada no celular, basta que olhemos em nossa volta para perceber. Dentro dessa perspectiva, o que fiz foi apenas considerar o óbvio, não é possível, nem eficaz deixar de incluir em nossa metodologia os bens culturais produzidos pela sociedade contemporânea e entre eles está o celular como dispositivos híbrido, multifuncional e, ao mesmo tempo, como canal de interconexão global. Mas sem perder o foco que é preciso formar os alunos para uma análise crítica destes usos, bem como das linguagens que surgem neste meio plural, caótico e anarquista por onde ecoam vozes plurais.

Resultado 3 – Leitura crítica de textos multissemióticos

Quando nos propomos a analisar as situações de leitura realizadas neste processo, percebemos que os alunos assumiram a posição de sujeitos construtores de sentido, em constante diálogo com a mensagem do texto e com as intenções do autor. Além disso, sempre havia um objetivo para a realização desta. Já na primeira atividade de leitura, é possível perceber que um objetivo de leitura e estratégias usadas pela professora para uma leitura reflexiva e para além dos elementos linguísticos presente no hipertexto.

As perguntas realizadas, antes de realizar a navegação no hipertexto, já favorecem uma ação cognitiva por parte do leitor. Em primeiro lugar, levanta o conhecimento do gênero que será lido, bem como do conteúdo a ser tratado e espaço para que o aluno indique qual caminho seguir para conseguir a informação que está em busca.

No prosseguimento da leitura, realizei intervenções para que os alunos fizessem uma relação entre a regra de netiqueta e suas vivências. Ou seja, tratava-se de um processo de ir além do que estava dito na superfície do texto. Os relatos que os alunos traziam, acabaram por trazer à tona o seu conhecimento de mundo em diálogo com os sentidos do texto.

Além disso, chamava a atenção para que refletissem sobre questões relacionadas a estrutura do texto, tais como: a relação entre as imagens, texto verbal, o vocabulário empregado, a música usada e a forma como todas essas linguagens favoreciam a compreensão do leitor.

Para finalizar a leitura do hipertexto, ainda levei-os a assumir o papel de autores. Visto que, deveriam escolher as regras lidas aquelas que tinham mais utilidade em suas experiências, enquanto usuários das redes sociais. Além de refletir, precisaram também argumentar, porque o trabalho era colaborativo e daquela escolha sairia uma lista de netiqueta da turma, não de um aluno individualmente.

Além deste momento de leitura como construção de sentido, os alunos foram convocados a realizar este tipo de procedimento uma infinidade de vezes ao longo do projeto com objetivos distintos, a saber:

- a) Ler cada regra e relacioná-las a uma imagem, conforme foi solicitado para produção do cartaz;
- b) Rer ler as regras, ilustrar com exemplos do cotidiano, para apresentação da palestra.

Diante do exposto, podemos dizer que o leitor assumiu a função de sujeito cognitivo em diversos momentos do processo de estudo, o que favorece a formação de um sujeito crítico

e seletivo das informações. Como os textos contemporâneos propiciam uma leitura emocional, estas estratégias de trabalho favorecem a formação de um leitor proficiente e crítico.

Resultado 4: Escrita remix – misturas de linguagens

Quanto as produções de texto dos alunos neste trabalho, é perceptível que se fez presente uma técnica muito usada em tempos de tecnologias digitais, que é a mistura, ou o *remix*, como preferem chamar alguns estudiosos. As misturas começam a partir da introdução do assunto netiqueta no vídeo¹¹ usado como recurso didático da palestra. Utiliza-se a oralidade, ao mesmo tempo em que aparece um texto, funcionando como legenda, além da gesticulação e entonação da fala que simulam uma conversa com o interlocutor.

Dando prosseguimento ao vídeo, são usados textos verbais, sobrepostos a imagens relacionadas ao assunto, ao mesmo tempo em que uma trilha sonora toca. A transição do vídeo pode se dar de forma automática, mas os autores tiveram o cuidado de estipular um tempo mínimo adequando para que o leitor possa compreender a mensagem do texto.

Este formato foi indicado por eles, a partir de suas vivências. Como vimos, no relato das aulas, todo o roteiro que seria usado como referência ao trabalho de produção dos vídeos, pressupunha o *remix*. Assim, para ilustrar retomo às orientações criadas pelos próprios alunos acerca dos caminhos pelos quais seria possível chegar a produção do vídeo:

Lemos (2005) nos ajuda a compreender que a cibercultura possibilita a chamada cultura remix, ou seja as “possibilidades de apropriação, desvios, e criação livres a partir de outros formatos, modalidades ou tecnologias, potencializados pelas características das ferramentas digitais e pela dinâmica da sociedade contemporânea.

Vale salientar, que a escolha das imagens, das cores do texto, do áudio não foi neutra, trazia elementos de sua cultura, de sua identidade, da maneira como percebiam e compreendiam os textos. Algumas imagens usadas eram de suas próprias redes sociais, a trilha sonora era uma batida de *funk* muito apreciada por eles e pelos seus colegas adolescentes, a inclusão de sua própria fala no vídeo, misturada às imagens e textos coloridos, no jeito adolescente de ser, sem esquecer a utilização de ferramentas de produção, edição e reedição de texto que lhe eram familiares. Todas estas misturas de elementos fez daquele texto muito mais que material didático a ser explorado em uma palestra.

¹¹ Vídeo disponível em:

<<https://www.facebook.com/pages/InternetRespons%C3%A1vel/1611813825768865?ref=hl>>

Acesso em: 20 jul. 2015.

Nesta proposta de trabalho, os alunos não precisavam apagar suas raízes linguísticas e culturais para serem socialmente aceitos ou entender a norma culta como a língua certa, como acontece corriqueiramente na escola. Aprenderam com a escola e a escola aprendeu com ele. Por que não? Na medida em que se preocupavam em escrever os textos verbais “sem erros” por que o vídeo seria visto na escola, por professores e alunos, ampliaram o conhecimento as suas práticas letradas, já que aprenderam noções básicas de concordância verbal e nominal, refletiram sobre normas ortográficas etc. Mas, ao mesmo tempo, usaram suas vivências, seu estilo etc.

Por outro lado, isso não se deu de forma espontaneísta, por trás de todo esse processo, houve o trabalho de uma professora, que orquestrou o processo e o direcionou de modo a dar voz aos alunos, e que soube alternar os papéis de forma equilibrada, de professora e aprendiz.

Resultado 6: Um novo olhar da escola sobre os protagonistas do projeto

Muitos dos alunos que destacaram de forma positiva no trabalho, eram indisciplinados, desmotivados, e recebiam uma série de rótulos que a comunidade escolar lhes impunha devido a falta de adequação destes, aos processos e métodos desenvolvidos na escola. Havia “o doido”, “a estranha”, “a hiperativa”, “o repetente”, dentre outros. Mas, não estava interessada naquilo que lhes faltava, e sim, no que tinham de potencial para poder organizar o trabalho, usando os talentos plurais que havia ali estavam escondidos sob a sombra do preconceito.

Quem “falava demais”, teve a oportunidade de ministrar a palestra; quem usava o celular o tempo todo, pode orientar os colegas no processo de produção e edição dos vídeos/e ou cartazes virtuais; os que tinha habilidade com cartolina fizeram os cartazes de papel; os que grafitavam produziram a faixa da entrada da escola e pintaram o muro com o *slogam* da campanha; quem tinha acesso à internet compartilhou os cartazes virtuais e movimentou a campanha nas redes sociais.

E foi assim, bem ao modelo Perrenoud (2000) de ser professor, que busquei realizar este trabalho. Em especial, com relação à segunda e à terceira competências, visto que, colocar para o professor a necessidade de perceber a singularidade de cada aluno, organizando situações de aprendizagens em que todos evoluam e aprendam. Não poderia, então, enxergar meus alunos apenas por seus *déficits*, era preciso enxergar também aquilo que já sabiam, de uma maneira mais crítica.

Em todas as produções, ficou muito claro que os alunos tinham um grande potencial. Desde a produção dos cartazes, faixas, o vídeo etc., a escola admirava o trabalho e ao mesmo tempo se surpreendia ao ver quem eram os sujeitos envolvidos, já que boa parte deles, eram indisciplinados em sala de aula ou tinha uma trajetória de fracasso e ali se comportavam de maneira totalmente diferente do habitual. A autora do cartaz virtual com o slogan deixa de ser vista como repetente, para ser *design* gráfica da escola; o garoto que sofria *bullying* por apresentar um transtorno intelectual passa a ser visto pela sua capacidade comunicativa, liderança, carisma, simpatia; a menina hiperativa, trabalhosa, que não se concentra nas aulas, passa a ser, assim como o aluno, percebida pelo seu potencial comunicativo, mobilizador e carisma.

Evidentemente, que os que estiveram à frente da palestra se destacaram mais, pela própria natureza da ação e todos os convidados que por ali passaram reconheceram os talentos. E não poderia ser diferente. De modo geral, estiveram sempre muito à vontade, confiantes, envolviam a plateia em suas falas demonstraram o quanto são capazes de aprender e de ensinar a seus pares, de modo que, ao final das palestras algumas turmas convidadas perguntavam: “Já terminou”? Além disso, a fala da diretora sobre os alunos é representativa deste olhar diferenciado: “Parabéns, meninos! Estou orgulhosa de vocês, são muito inteligentes. É com trabalhos assim que a gente descobre os tesouros. Hoje eu vejo aqui na minha frente os futuros professores do Durmeval”.



FIGURA 23 - Diretora parabenizando o trabalho dos alunos e da professora
Fonte: Primária

Esta ótica sobre os alunos manteve-se nos três turnos. O clima era de encantamento e de envolvimento de toda a escola. Os diretores, supervisores, equipe técnica se revezaram para poder participar da palestra. Podemos dizer sem nenhuma, dúvida que a escola parou

para discutir o respeito e a educação na internet, e isso não seria possível sem as múltiplas habilidades destes protagonistas, sem a sensibilidade da professora aproveitar o melhor de cada um. A ação gerou repercussões tão positivas que recebi convites de outras escolas para ministrar a palestra, além disso, uma ong que trabalha com crianças em vulnerabilidade social, me procurou e me propôs estender à palestra para as escolas que são atendidas pela referida Ong. De forma geral, um dos resultados que mais me alegraram enquanto organizadora da ação, foi a forma mais ética e humana com que estes alunos passaram a ser percebidos na escola. Os rótulos negativos caíram por terra.

Resultado 5: Transformação no comportamento dos alunos

No entanto, não foi apenas a comunidade escolar que passou a olhar os protagonistas de um modo diferente, também eles puderam se ver a partir de seu potencial, daquilo que possuem de melhor. Os depoimentos a seguir foram postados no meu mural do *Facebook* e são representativos desta mudança: “profi, valeu pela chance de mostrar que eu ainda posso ser uma boa aluna”. No agradecimento da aluna a certeza de que o trabalho deu a ela a chance de ser reconhecida e recomeçar uma nova trajetória de vida. Essa chance, como ela denominou foi crucial para uma mudança de comportamento desta aluna em sala de aula. Ouvi relatos de professores de várias disciplinas, falando como o projeto foi um divisor de águas na vida desta menina. Estava mais interessada, envolvida, melhorou o comportamento e passara a tirar boas notas em todas as disciplinas.

Um elemento perceptível de mudança em seu comportamento já se dava na preparação do trabalho para o dia da Internet Responsável. Quando cheguei à escola, no dia em combinamos a grafiteagem do muro, ela havia se antecipado e já encontrei-a lá, esperando-me para receber as tintas e o tecido. A pontualidade era algo novo na postura dela. Na rotina diária de aulas, não costumava estar presa a nenhuma convenção: entrava na sala de aula atrasada, realizava as atividades apenas quando desejava, saía para gazejar.

Além disso, foi a aluna que criou o cartaz com o slogan da campanha que serviu de inspiração para a confecção das blusas dos palestrantes e foi usada como capa no perfil dos alunos envolvidos na campanha, através redes sociais. Quando comuniquei-lhe que o cartaz dela havia sido escolhido, ficou radiante, com um brilho olhar, nunca visto antes.

O fato é que agora ela é outra aluna na sala de aula, como disse antes, participativa, entrosada e conforme o depoimento dos professores: “Este projeto também me beneficiou, já que alguns alunos que davam muito trabalho na sala de aula, mudaram radicalmente”. Disse o

professor de Ciências. A professora de História e o professor de Matemática, também se dizem beneficiados com o trabalho e apontam melhorias no comportamento dos alunos.

Além disso, o trabalho deu aos meninos e meninas a possibilidade de ter uma perspectiva melhor do futuro. Uma aluna me procurou e disse: “sabe professora, depois desse projeto eu fiquei na dúvida se serei jornalista ou atriz”. Esta dúvida abria para ela novas perspectivas de futuro, já que na comunidade em que está inserida os jovens não têm muitas opções e boa parte deles é atraída pelo tráfico de drogas. Mas não apenas para ela, ampliaram-se os horizontes, outro protagonista me confidenciou: “professora, tem horas que acho que vou ser professor, depois quero ser advogado, o que a senhora acha?”. Na verdade, achei fantástico que um trabalho de leitura e de escrita pudesse ter um poder tão grande de dar às pessoas a possibilidade de se perceberem diferentes e voltarem a sonhar, a buscar um lugar ao sol.

Quando volto à teoria para tentar compreender este resultado, me vem, em primeiro lugar Perrenoud, quando diz que o professor competente do século XXI precisa envolver seus alunos na sua própria aprendizagem. O que significa que somos desafiados cotidianamente a provocar e fazer brotar do íntimo dos alunos o desejo de aprender, mostrando para eles a importância do saber, o sentido do trabalho escolar, dando voz a estes sujeitos, negociando em vez de impor regras, oferecendo atividades pessoais e ajudando o aluno a ter um projeto de vida pessoal (2000).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, compreendemos que as novas tecnologias da informação e comunicação, em especial, as tecnologias móveis desencadeiam profundas mudanças na sociedade e conseqüentemente traz à escola a necessidade de repensar seus processos, métodos e recursos tecnológicos usados no ensino-aprendizagem. Visto que, hoje os indivíduos têm acesso a um universo de informações trazidos pela internet a qualquer hora e em qualquer lugar, sobretudo quando se tem na palma da mão, no bolso ou debaixo do travesseiro um dispositivo inteligente, multifuncional, portátil, de fácil manuseio, barato como o celular que passa ser um artefato tecnológico primordial para o homem contemporâneo.

No entanto, quando estas tecnologias chegam à escola, são tidas como elemento geradores do caos e da indisciplina, levando o poder público a criar leis que proíbem o seu uso naquele espaço, mas esta pesquisa comprova que a proibição é ineficaz, já que boa parte dos alunos burla a lei, sobrepondo sua necessidade de estar conectado nas redes sociais à necessidade de aprender. Além disso, os aprendizes têm clareza de que é possível usar o celular como recursos didático em diversas áreas do conhecimento, faltando ao professor e a escola conhecerem as ferramentas e abrirem-se às novas formas aprendizagem.

Além disso, o trabalho com a linguagem não pode estar restrito às práticas de leitura e de escritas ligadas aos grupos hegemônicos da sociedade. A democratização do ensino e a chegada das tecnologias da informação e comunicação fizeram emergir uma infinidade práticas linguísticas e culturais que não podem ser anuladas ou apagadas, como se não tivessem importância por estarem relacionadas às classes populares. O momento é de acolhimento e de respeito, pois o que se espera da educação linguística na contemporaneidade é a formação de um sujeito leitor/escritor capaz de lidar de forma autônoma, ética e democrática com todas as formas de textos, de linguagens e culturas;

Dentro desse contexto, o papel do professor reconfigura-se, que afasta a figura de um detentor do saber, autoritário, colocado acima do bem e do mal. Mais do que nunca emerge a necessidade de um professor mediador, parceiro experiente, humano, ético, para formar um aluno dinâmico, ativo, e sobretudo, aberto a ensinar e aprender, inclusive com seus alunos, já que na atual sociedade, as informações se atualizam a cada milésimo de segundo.

Nesse sentido, o projeto didático desenvolvido colaborou para a formação da cidadania plena, levando os alunos a manusear os recursos tecnológicos de forma autônoma, lidar com a transmutação dos gêneros textuais e até mesmo com os novos gêneros e a diversidade de linguagens e de culturas que emergem nesta nova era. Assim, este trabalho

representou uma ruptura de paradigmas no tocante aos usos do celular na sala de aula, bem como alguns aplicativos disponíveis, mostrando que é possível e viável utilizar de forma pedagógica o celular em sala de aula.

Além disso, o fato do trabalho estar organizado dentro de uma estruturação proposta pela Pedagogia de Projetos, tornou possível que acontecesse de forma contextualizada, partimos de uma prática social de uso da linguagem e culminamos da mesma forma, valorizando os talentos individuais e os saberes trazidos pelos alunos, favorecendo o trabalho colaborativo, e organizando situações em que pudessem ser protagonistas do processo de aprendizagem. Além de ler e escrever dentro uma situação significativa e prazerosa, puderam refletir sobre a importância de assumir posturas éticas no uso das redes sociais.

Diante disso, podemos dizer que todas as atividades de leitura e escrita estiveram voltadas à perspectiva dos multiletramentos, ou seja, deram-se mediante a valorização todas as formas de letramento, ou seja, das práticas de leitura e de escrita dos alunos, valorizando os letramentos locais e levando-os a terem acesso aos letramentos valorizados, ampliando seu conhecimento linguístico; desenvolvendo habilidades de leitura e de escrita dos alunos no que concerne aos textos multissemióticos para que pudessem agir como sujeitos na sociedade da informação e do conhecimento.

Não foi um trabalho fácil, não recebi da escola o apoio que necessitava. Foi um trabalho solitário. Para conseguir realizar a mobilização na escola, precisei ir ao dia de minha folga, pois não me liberavam para realizar as ações nos dias em que tinha aula na escola. Até mesmo quando fui pegar as camisetas dos alunos palestrantes, cortaram o meu ponto por ter chegada atrasada na primeira aula. Para eles, aluno e professor precisam se manter em sala de aula, cumprindo horários, grade curricular, engaiolados. Não interessa o que estejam fazendo na sala de aula, mas é importante que estejam lá, de preferência calados, quietinhos, para manter a ordem na escola. O único apoio que recebi foi a autorização para realizar a pesquisa, desde que mantivesse o expresso controle sobre os usos dos celulares que os alunos precisavam levar e usar.

Mas esta falta de apoio não foi suficiente para impedir que este trabalho acontecesse. Somente no dia da Internet Responsável, diante do brilhantismo dos alunos compreenderam a relevância daquele trabalho para a formação dos alunos. De toda forma, aquele reconhecimento, ainda que tardio, me deu a possibilidade de continuar o trabalho no âmbito da escola, desta vez com mais liberdade, já que ficou comprovado que o projeto é sério, útil e muito importante para a formação dos adolescentes.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. **PCN de Língua Portuguesa II Segmento do Ensino Fundamental**. Brasília, SED, 1998.

CAMARGO, Vanessa de Almeida; SOARES, Maria Lúcia Amorim. O celular no cotidiano da escola. In: SOARES, Eliana Maria do Sacramento; PETARNELLA, Leandro (Org.). **Cotidiano escolar e tecnologias, tendências e perspectivas**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2012.

CHATIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESPE, 1998.

DIONÍSIO, Angela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZA, Beatriz; BRITO, Karim Sibenicher. São Paulo: Parábola, 2011.

_____. Angela Paiva. VASCONCELOS, Leila Janot de. Multimodalidade, Gênero textual e leitura In: **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

FINO, Carlos. **A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais**. Disponível em: < <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf> >. Acesso em: 02 out. 2015.

GABRIEL, Martha. **Educar a (r)evolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.

GARCIA, Cíntia B; FELÍCIO, Flávia Daniele Sordi; PAIVA, Rosane de. Projeto arte. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HERNANDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos se trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

JUSBRASIL. **ALPB derruba veto e proíbe celular em escolas**. Disponível em: < <http://alpb.jusbrasil.com.br/noticias/1973756/alpb-derruba-veto-e-proibe-celular-em-escolas> >. Acesso em: 20 fev. 2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

LEMOS, André. **Comunicação e práticas sociais no espaço urbano**: as características dos dispositivos híbridos multirredes (DHMCM). Revista Comunicação Mídia e Consumo. São Paulo. Vol, 4 n. 10 jul, 2007.

_____. **Ciber-Cultura-Remix**. Disponível em: < <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MASETTO, Marcos T.; CAMARGO, Vanessa de Almeida; SOARES, Maria Lúcia Amorim. Mediação pedagógica e tecnologias da informação. In: SOARES, Eliana Maria do Sacramento; PETARNELLA, Leandro (Org.). **Cotidiano escolar e tecnologias tendências e perspectivas**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea: 2012.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães. **Abordagem etnográfica na investigação científica**. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCIQFjAA&url=http%3A%2F%2Fpeople.ufpr.br%2F~marizalmeida%2Fcelem05%2Fabord_etnogr_invest_cient.doc&ei=BTIZVcqoMMaeNpSfhLAJ&usg=AFQjCNE2WK75ORjKNG9yrl2VjqHXg-gU5A&sig2=VqWN8nsL76uCuy07OZxRVQ&bvm=bv.89381419,d.eXY>. Acesso em: 02 out. 2014.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos, novos desafios e como chegar lá**. Campinas. São Paulo: Papirus: 2012.

_____. Ensino e aprendizagem inovadores com o apoio das tecnologias. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas. São Paulo: Papirus: 2012.

_____. **Tecnologias digitais e ações de aprendizagem dos nativos digitais**. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico7/TECNOLOGIAS%20DIGITAIS%20E%20ACOES%20DE%20APRENDIZAGEM%20DOS%20NATIVOS%20DIGITAIS.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2014.

MOURA, Adelina. **Geração móvel**: um ambiente suportado por tecnologias móveis. Disponível em: < [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10056/1/Moura%20\(2009\)%20Challenges.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10056/1/Moura%20(2009)%20Challenges.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2015.

PERRENOUD, Philippe. **Dez competências para se ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PESCADOR, Cristina M. Alunos nativos digitais e professores imigrantes digitais. In: SOARES, Eliana Maria do Sacramento; PETARNELLA, Leandro. **Cotidiano escolar e tecnologias, tendências e perspectivas**. Campinas São Paulo, 2012.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Editorial, 2009.

_____. Pedagogia dos multiletramento. In: ROJO, Roxane. MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane. **Escola Conectada os multiletramentos na escola**. São Paulo Parábola, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal?** Revista de Computação e tecnologia. PUC - São Paulo. v.2, n.1, 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/ReCET/issue/view/223/showToc>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

_____. **As linguagens como antídoto ao midiacentrismo**. Matrizes. São Paulo. V.1, n.1. 2007. Disponível em: < <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/27>> Acesso em: 20 abr. 2015.

_____. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica: 2013.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SQUARISI, Dad. **Como escrever na internet**. São Paulo: Contexto, 2014.

TINOCO, Glícia Azevedo. **Ler em escrever em projetos de letramento: o que muda afinal?** Disponível em: <http://www.letramento.iel.unicamp.br/portal/wp-content/uploads/2009/07/Ler_e_escrever_em_projetos_de_letramento.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2015.

UNESCO. **Diretrizes de Políticas para aprendizagem móvel**. Brasília, 2014. Disponível em: < http://www.unesco.org/new/pt/brasil/abouthis-office/single-view/news/diretrizes_de_politicas_da_unesco_para_a_aprendizagem_movel_pdf_only/#.VaFJuF9Viko>. Acesso em: 10 mai. 2015.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto, hipertexto. In: MARCUSHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentidos**. São Paulo: Cortez, 2010.

APÊNDICES

Apêndice 1

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS- PROFLETRAS**

INSTRUMENTO DE PESQUISA – QUESTIONÁRIO 1

1- Alguma vez já usou o celular em sala de aula?

a) sim () b) não ()

Caso sua resposta tenha sido afirmativa, responda às perguntas que se seguem:

2- Você, seus pais ou responsáveis sabem que é proibido usar o celular em sala de aula?

a) Sim () b) não ()

3- Com que finalidade costuma usar o celular em sala de aula?

a) Acessar redes sociais () Quais? _____

b) Assistir vídeos ()

c) Fotografar ()

d) Ouvir músicas ()

e) Filmar ()

f) Calcular ()

g) Pesquisar conteúdos escolares ()

h) Usar dicionário ()

i) Ligar ()

Apêndice 3

TERMO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS- PROFLETRAS

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada O CELULAR COMO DISPOSITIVO ELETRÔNICO PARA PRODUÇÃO DE TEXTOS MULTIMIDIÁTICOS: DE OBJETO PROIBIDO À CONDIÇÃO DE RECURSO PEDAGÓGICO EM SALA DE AULA sob minha responsabilidade e do orientador Professor Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel.

Para realização deste trabalho, usaremos os seguintes métodos: de caráter etnográfico, ou pesquisa de campo em que observaremos os alunos nas redes sociais no tocante aos textos que são usados em suas interações, aplicaremos um questionário sobre os objetivos de usos do celular em sala de aula, bem como solicitaremos que estes se posicionem por escrito sobre a lei de proibição do uso do celular na escola. Em seguida, nossa pesquisa toma forma de pesquisa-ação, ou seja, a partir dos dados coletados propomos um projeto de leitura e de escrita sobre o uso responsável da internet usando, entre outras ferramentas, aplicativos disponíveis no celular. Em primeiro lugar, serão feitas leituras e discussões acerca da temática, posteriormente, os alunos irão produzir vídeos, cartazes, faixas e organizar uma ação de conscientização que envolverá os alunos na escola, e nas redes sociais, em especial o Facebook, em que darão dicas de como usar a internet de forma responsável. ***Mas vale ressaltar que a participação nessas atividades SERÁ FACULTATIVA, ou seja, você terá o direito de NÃO participar, caso não se sinta bem com a realização do trabalho.***

É importante esclarecer que seu nome, assim como todos os dados que lhe identifiquem serão mantidos sob sigilo absoluto, antes, durante e após o término do estudo.

Quanto aos riscos e desconfortos, afirmamos que os benefícios que esta pesquisa pode proporcionar são claramente superiores àqueles, mas destacamos que, pelo fato da coleta de dados implicar o levantamento de dados sobre o uso de um recurso proibido na escola, além de envolver a produção de vídeos e cartazes que serão disseminados nas redes sociais, não podemos deixar de registrar a possibilidade de algum constrangimento ou inibição dos alunos, diante de um processo avaliativo, ou da exposição na internet.

Caso você venha a sentir algo dentro desses padrões, comunique à pesquisadora para que sejam tomadas as devidas providências, como: diálogo para a superação das dificuldades enfrentadas; redefinição de alguma estratégia didático-pedagógica que possa ter causado algum desconforto ou mesmo desligamento do trabalho se assim desejar.

Os benefícios deste trabalho são: desenvolvimento de habilidades de leitura e sobretudo de produção dos textos que misturam linguagem verbal e não-verbal de maneira ética e democrática;

No curso da pesquisa você tem os seguintes direitos: a) garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; b) liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento, mesmo que seu pai ou responsável tenha consentido sua participação, sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso). Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador.

Caso tenha dúvidas e deseje maiores esclarecimentos, procurar o pesquisador Responsável: Clécia de Vasconcelos Arantes na EMEF Profº Durmeval Trigueiro Mendes – Localizado à Rua 14 de Julho Telefone, Rangel, João Pessoa, Telefone (83) 8744 1118.

Eu _____, após ter recebido todos os esclarecimentos e assinado o TCLE, confirmo que o (a)menor de idade

_____, recebeu todos os esclarecimentos necessários, e concorda em participar desta pesquisa, bem como autorizo a publicação dos resultados em revistas e eventos de natureza científica. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

João Pessoa/PB, _____ de _____ de 2015

Assinatura do participante da pesquisa/ responsável legal

Assinatura do pesquisador responsável

Caso necessite de informações complementares sobre o presente estudo, favor ligar para o pesquisador João Wandemberg Gonçalves Maciel, coordenador da pesquisa. Universidade Federal da Paraíba - Campus IV - Unidade de Mamanguape – PB - Sítio Engenho Novo, sn - Zona Rural - CEP: 58.278-000 - Telefones: (83) 88203048 e/ou (83) 3292-3767.